



Nikolaus Satelmajer

Editor de Ministry

MEU PRIMEIRO PASTOR

Eu tinha aproximadamente 13 anos quando entrei pela primeira vez em um templo para adorar. Até então, minha experiência em adoração coletiva estivera limitada a reuniões em pequenos grupos nos lares. Entretanto, naquele sábado, eu não somente fui a uma igreja pela primeira vez, como também tive outra experiência inédita: ver e ouvir um pastor formalmente instruído para a função. Tudo isso aconteceu dentro de uma semana, depois que nossa família chegou da Alemanha numa longa viagem de navio.

O pastor era Stuart R. Jayne. E o templo era o da primeira igreja adventista de Richmond (agora a igreja da Avenida Patterson). Como novos imigrantes, nem eu nem meus pais falávamos inglês. Ruth Jayne, uma graciosa e gentil senhora, esposa do pastor, se encarregava de traduzir as mensagens para nós. E embora a tradução de uma mensagem nunca seja a mesma coisa como quando a ouvimos em nosso próprio idioma, e no meu caso muitas coisas passassem por alto, eu ainda assim conseguia captar muito.

Contudo, o melhor que captei do Pastor Stuart foram imagens a respeito de como todo pastor deve ser e, consequentemente, fazer. Jamais consegui apagar da memória essas imagens. Aqui estão algumas delas:

Atenção a crianças e jovens. O Pastor Stuart demonstrava genuíno interesse pelos jovens e crianças. Quando contava uma história para as crianças, ele se tornava parte do grupo delas. E elas se sentiam muito à vontade com ele. Na verdade, as crianças também se sentiam à vontade na presença de Jesus. Assim, o pastor tem um bom exemplo para imitar.

Pregação com entusiasmo. Os sermões do Pastor Stuart eram apresentados com muito entusiasmo. Ele pregava sorrindo. Embora eu compreendesse pouca coisa do que ele falava, era contagiado por seu entusiasmo e estava sempre aguardando o próximo sermão.

Visitação pastoral. O Pastor Stuart era um visitador incansável. Com frequência, estava em nosso lar. Mostrava grande interesse em nossos esforços para estabele-

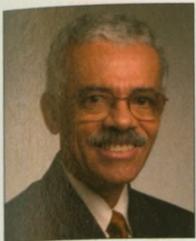
cer-nos em um país desconhecido. Todos nós aguardávamos com alegre expectativa as visitas dele. Por mais tempo que se demorasse em nossa casa, sempre achávamos que a visita não era longa, tal a maneira como ele nos orientava, aconselhava, instruía na Palavra de Deus e orava conosco e por nós.

Compaixão pelos doentes. Passados alguns meses, desde a nossa chegada, minha mãe ficou seriamente enferma. Meu pai e eu quase entramos em pânico; os médicos não nos davam muita esperança. Um dia, o pastor foi visitá-la no hospital onde estava internada. Em dado momento durante a visita, ele se ajoelhou ao lado da cama e orou. Entendi apenas poucas palavras de sua oração, mas sabia que ele estava intercedendo em favor da minha mãe. Ela se recuperou e viveu até os 91 anos. Depois da oração do pastor, uma senhora deitada em outra cama, pediu que também orasse em seu favor. Ele a atendeu e orou por treze mulheres naquela unidade do hospital.

Esses são apenas alguns dos papéis desempenhados pelos pastores. Depois que me tornei um deles, pude aprender que existem muitos outros. Como você descreve seu trabalho? O pastor é um pregador, professor, evangelista, teólogo, ouvinte, planejador, e isso é apenas o começo da lista. Os que mencionei são apenas alguns dos que vi o Pastor Stuart desempenhar. A propósito, ele agora descansa, aguardando o chamado de Cristo por ocasião da ressurreição dos justos.

Qualquer que seja o ministério que você esteja desenvolvendo, você sabe que essa é uma vocação complexa, desafiadora; contudo, também produz grande satisfação. Espero que você tenha tido modelos que lhe transmitiram uma visão positiva do pastorado, assim como o Pastor Stuart foi uma inspiração para mim. É oportuno que reflitamos juntos sobre o apelo de Paulo a Timóteo: "Tu, porém, ó homem de Deus, ... segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância, a mansidão. Combate o bom combate da fé. Toma posse da vida eterna, para a qual também foste chamado e de que fizeste boa confissão perante muitas testemunhas." (1 Tim. 6:11 e 12).

O pastorado é uma vocação desafiadora, mas produz grande satisfação



William de Moraes

VOCAÇÃO PARA CRESCER

Para Deus, nada existe mais precioso na Terra que Sua Igreja. As Escrituras a ela se referem utilizando imagens variadas, belas e significativas. Paulo a identifica como “coluna e baluarte da verdade” (I Tim. 3:15). Aos coríntios, ele externou seu desejo de que a comunidade cristã ali sediada fosse apresentada “como virgem pura a um só esposo, que é Cristo” (II Cor. 11:2). De acordo com Zacarias, “eles [o povo de Deus] são pedras de uma coroa, e resplandecem na terra d’Ele” (Zac. 9:16). E mais: “...aquele que tocar em vós toca na menina do Seu olho” (Zac. 2:8). E Ellen White assegura: “A igreja, débil e defeituosa, precisando ser repreendida, advertida e aconselhada, é o único objeto na Terra ao qual Cristo confere Sua suprema consideração.” – *Testemunhos Seletos*, vol. 2, pág. 355.

Outras imagens, também mencionadas pelo apóstolo Paulo, adicionam a esses privilégios a razão de existir da igreja. A primeira é a imagem do corpo formado de muitos membros articulados, coordenados e em pleno funcionamento (I Cor. 12:12-31). A segunda é a de um edifício vivo e que cresce (Efés. 2:19-21). “Quando Paulo fala da igreja como um corpo”, opina Ray Stedman, “deixa claro que ninguém se reúne a esse corpo a não ser por um novo nascimento, através da fé em Jesus Cristo. Não há outro caminho que leve a Seu corpo. Uma vez que alguém se tornou membro desse corpo, tem uma contribuição a fazer.” No caso do edifício, todo cristão é um tijolo acrescentado a esse edifício, uma pedra viva, parte vital do grande templo que o Espírito Santo está construindo como residência de Deus.

De acordo com o contexto das passagens bíblicas que emolduram tais imagens, o pano de fundo no qual elas são pintadas é o de uma igreja viva destinada a expandir-se, crescer. A idéia de expansão da igreja está presente em toda a Bíblia. Os salmos cantam o louvor e a salvação de Deus até às “extremidades da Terra”, até aos “confins da Terra” (Sal. 2:8; 65:8). Em Isaías, o Deus “que congrega os dispersos de Israel” fala “aos estrangeiros que se chegam” a Ele, O aceitam e são integrados ao Seu povo que deve formar “uma casa de oração para todos os povos” (Isa. 56:6-8).

O que o Antigo Testamento preconiza em termos de crescimento da igreja é confirmado no Novo Testamento. Aí encontramos o amor de Deus direcionado ao “mundo”, a “todo aquele que crê” (João 3:16), a menção de ovelhas desgarradas que devem ser encaminhadas ao aprisco do Bom Pastor (João 10:16) e o mandato de Cristo à igreja (Mat. 28:19). O conceito de crescimento estava presente no ensino de Jesus, ao Ele falar de quantidade (Mat. 13:17-14:8), colheita (João 4:35), produção de frutos (João 15:5 e 8), busca de pessoas (Luc. 15:21-24), entre outras figuras. Sendo Ele a Luz do mundo, estabeleceu uma comunidade para que fosse luz, iluminando o caminho de homens e mulheres na direção de Deus (Mat. 5:16). Nós fazemos parte dessa comunidade.

Zinaldo A. Santos

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Ano 77 – Número 02 – Março/Abril 2006
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos
Assistente de Redação: Lenice F. Santos
Revisoras: Josiéli Bueno e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza
Projeto Gráfico: Alexandre G. Streicher; Marcos S. Santos
Programador Visual: Marcos S. Santos
Capa: Montagem sobre ilustração de Carlos Seribelli e foto de Erlo Köhler.

Colaboradores Especiais:
Alejandro Bullón; Ranieri B. Sales;
James Cress; Nikolaus Satelmajer

Colaboradores:
Acilio Alves Filho; Barito Lazo;
Cícero F. Gama; Francisco C. Bussons;
Guillermo Rojas; Ivanaudo B. Oliveira;
José Carlos Sánchez; Graciliano M. Filho;
Moisés Rivero; Roberto Gullón;
Valdilho Quadrado

Diretor Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:
www.cpb.com.br
Serviço de Atendimento Direto: sac@cpb.com.br

Redação: ministerio@cpb.com.br
Ministério na Internet:
www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaeministerio

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970
Brasília, DF

Tiragem: 5.500 exemplares
5880/15367



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

11 REGOZIO EM VEZ DE TEMOR

Por que o Selamento deve trazer alegria ao cristão.

13 O CORAÇÃO DA MENSAGEM

Conheça o segredo da pregação salvadora.

16 TRÊS LIÇÕES QUE APRENDI

Pastor conta como se libertou da ansiedade.

17 PRINCÍPIOS DE CRESCIMENTO

Orientações inspiradas para fazer sua igreja crescer.

21 EXPLORANDO O APOCALIPSE

Como entender e interpretar o último livro da Bíblia – 2ª parte.

23 O PASTOR E SEU DINHEIRO

Sugestões que ajudam a conseguir estabilidade financeira.

27 AVISOS DA NATUREZA

Análise dos terremotos, no contexto da escatologia.

30 ENTREGA TOTAL

Reflexão sobre o comprometimento ministerial.

RESTAURAÇÃO DIFÍCIL

A série de artigos sobre conduta sexual dos pastores, de autoria do Dr. Miroslav Kis, teve um lado positivo e outro preocupante. Do lado positivo, destaco a clareza da abordagem, a defesa dos valores cristãos e o sentimento de misericórdia demonstrado por muitos leitores em relação aos pastores caídos. O aspecto preocupante é a falta de conhecimento das normas da Igreja, revelado na defesa da reintegração dos faltosos ao ministério pastoral.

Em qualquer tribunal, o culpado nada tem a dizer na determinação das consequências de seus atos. É assim que acontece, independentemente de quão triste ou arrependido ele esteja. Há realidades fundamentais que devem ser consideradas diante de falhas morais cometidas por clérigos, e levando em conta as normas eclesásticas existentes. Entre essas realidades, encontram-se as seguintes:

1. Se a esposa e filhos do pastor faltoso não se sentem seguros com ele, quem pode estar?

2. O sétimo mandamento expressa um valor moral absoluto. Não podemos modificar esse tipo de valor para acomodá-lo a violações individuais do mandamento. Tentar fazer isso é questionar o valor. Reconhecemos essa realidade no pecado de Adão e Eva. Também vemos o terrível custo pessoal experimentado por Deus para manter o absoluto, demonstrando que ele não pode ser alterado.

3. Todo lapso moral cometido especialmente por pastores mina a fé e a confiança entre o rebanho. Esse tipo de falha produz feridas de longo prazo, que deixa marcas profundas.

4. O adultério não é um pecado qualquer. De todos os pecados, é o que tem maior potencial destrutivo. Basta lembrarmos as experiências de Davi e Salomão.

Cristo perdoa completamente todos os pecados, mas não Se acomoda a eles. Como adventistas do sétimo dia, reivindicamos fidelidade aos dez mandamentos. Poderíamos sugerir, nesta época tão libertina, que a violação de um deles não tem muita importância e pode ser passada por alto, justamente na vida de quem foi comissionado para enaltecer a Lei?

Patrick Boyle, Watford, Inglaterra

“Sem compreender a cruz, o pecado e a salvação, não somos mais que meros oradores, terapeutas do púlpito. Isso é pouco para o que realmente devemos ser.”

– Patrick Boyle

Seções

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

4 CARTAS

5 ENTREVISTA

8 AFAM

9 PONTO DE VISTA

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

INTIMIDADE COM DEUS

“Antes de qualquer coisa, Deus. Devemos despertar cada manhã respirando Deus e o poder de Sua Palavra”

por Zinaldo A. Santos

De acordo com Waldo Werning, mordomia cristã é “a resposta do crente ao amor de Deus, que o criou, preservou, redimiu e santificou. Pode ser denominada a administração por parte do cristão de sua vida redimida e suas posses, pelo poder do Espírito, dirigido pela Palavra, para a glória de Deus e para benefício do homem. É o fruto da fé salvífica. É fé em atividade, a expressão da fé cristã, a evidência de quão sinceramente um filho de Deus crê nas verdades que aceita. O mordomo cristão é uma pessoa a quem foi confiada uma vida redimida por Cristo. Ser mordomo é seguir aonde Deus o dirige pelas habilidades e forças que Ele dá”.

Para promover e incentivar a prática desses ideais sagrados no território da Divisão Sul-Americana, foi nomeado em julho do ano passado o Pastor Miguel Pinheiro Costa. Ele nasceu em Capim Grosso, BA, onde também fez o curso fundamental. Concluiu o Ensino Médio no Educandário Espírito-Santense Adventista, Edessa; e, em 1988, o curso teológico, no antigo Instituto Adventista de Ensino, IAE, hoje Centro Universitário Adventista, Unasp. Também é mestre em Teologia Pastoral e graduado em Administração.

Suas atividades ministeriais tiveram início na Associação Rio de Janeiro, onde foi pastor distrital, evan-

gelista e diretor de Ministério Pessoal e Escola Sabatina, função que desempenhou posteriormente na União Nordeste-Brasileira, Uneb. Serviu ainda como presidente das Missões Sergipe-Alagoas e Nordeste. Antes de chegar à DSA, era diretor de Mordomia Cristã na Uneb.

O Pastor Miguel é casado com a Professora Perpétua, de cuja união nasceram duas filhas: Michele e Emily. Nesta entrevista, ele fala da nova roupagem com que apresenta os antigos e eficientes princípios da Mordomia Cristã.

Ministério: Como o senhor define Mordomia Cristã?

Pastor Miguel: Para mim, Mordomia Cristã pode ser definida em seis palavras: gratidão e intimidade diária com Deus. Imagine que você tenha um amigo que seja dono de uma fortuna incalculável. Movido por amor, esse proprietário constrói uma linda mansão e lhe diz: “Isso tudo é meu; mas, percebendo que você é meu amigo e se sente bem em minha companhia, quero que venha morar nesta propriedade, cuide dela como se fosse sua, desfrute-a plenamente. Vou me ausentar, não sei quando voltarei, mas estou pronto para ajudá-lo em qualquer necessidade. Basta me chamar.” Qual é o sentimen-



to que você deve alimentar em relação a esse senhor, senão o de honrá-lo com sua fidelidade, lealdade? É nesse contexto que devemos pensar em Mordomia Cristã. Tudo o que sou, tenho e sei é dádiva do meu Senhor e devo usar para Sua glória.

Ministério: Aliás, qual é o nome oficial do Departamento: Mordomia Cristã, Ministério da Fidelidade ou Administração da Vida?

Pastor Miguel: O nome que está no Manual da Igreja, no livro Regulamentos Eclesiástico-Administrativos, nas atas e nos documentos da Igreja é Mordomia Cristã. Pelo menos da parte da Associação Geral, não há informação nova sobre isso. Infelizmente, ao longo dos anos usamos a palavra mordomia sem o complemento que caracteriza sua verdadeira natureza em nosso contexto. Isso causou grande confusão na mente de alguns irmãos, especialmente os recém-conversos. O uso da palavra mordomia, isoladamente, está relacionado ao sentido pejorativo que as pessoas lhe dão, associando-a com atos ilícitos, corrupção, viver às custas de outros. O correto é usar sempre a expressão “Mordomia Cristã”, para que não fique dúvida sobre o conceito bíblico e espiritual envolvido no assunto. Os melhores di-

cionários conceituam o mordomo como um intendente, alguém que dá intensidade aos propósitos do seu senhor e que provê sustento para a manutenção e o crescimento da propriedade do seu superior. Esse é o foco da Mordomia Cristã, envolvendo o homem (mordomo) e Deus (o Senhor).

Ministério: *Quais são os objetivos práticos deste departamento?*

Pastor Miguel: 1) Reeducação dos hábitos espirituais, para que cada crente experimente a salvação em Cristo diariamente; 2) conscientizar cada crente de que ele é salvo diariamente, a graça lhe é destinada diariamente, a misericórdia é renovada a cada dia e que ele deve ser renovado diariamente; 3) levar a pessoa a entender que antes da santidade vem a salvação. Deus nos salva, no sentido de renovar Sua graça e misericórdia, “a cada manhã”, como diz o profeta Jeremias, para que possamos ser santos durante aquele dia. 4) Ensinar que a prática de dizimar e ofertar não significa simplesmente trazer dinheiro para a igreja, mas um ato de adoração através do qual entregamos nossa vida a Deus, como sacrifício vivo, santo e agradável a Ele. O centro da questão não é o dinheiro; mas, a quem vou adorar com o que tenho. 5) Ensinar que a guarda do sábado e o cuidado com o corpo devem ser colocados no contexto da adoração; 6) cumprir a missão e 7) levar o crente a entender que todos são responsáveis pela manutenção do corpo de Cristo em todos os aspectos.

Ministério: *Em sua avaliação, por que existe certa resistência à Mordomia Cristã?*

Pastor Miguel: O materialismo e o secularismo têm sufocado o poder da Palavra de Deus em muitos corações, e falar de dinheiro não é uma missão fácil. Por isso, creio que, antes de falar sobre dízimos e ofertas, temos que levar o povo a entregar o coração a Deus. Talvez, essa tenha sido uma das nossas dificuldades. O modo como a pessoa lida com o dinheiro reflete seu grau de intimidade diária com Deus. É possível que ainda exista uma boa parcela de resistência; mas, quando as pessoas compreenderem que Mordomia Cristã cuida da espiritualidade do crente, passarão a vivê-la em todos os aspectos da vida, e serão mais felizes e atuantes.

Ministério: *Depois de tantas alterações e mudanças no modo de abordar o assunto, o senhor acha que o departamento está plenamente consolidado?*

Pastor Miguel: Estamos a caminho. Sentimos que o Espírito Santo tem provocado grande despertamento entre o povo de Deus. Nossos líderes estão motivados e comprometidos com este ministério sagrado e imprescindível para o crescimento espiritual da igreja. É verdade que ainda temos grande diferença entre as entradas de dízimos e ofertas, porém, logo o quadro será revertido. Uma das medidas aprovadas no concílio da Divisão Sul-Americana foi que, a partir de agora, cada série de estudos bíblicos deverá conter um estudo específico sobre doação de ofertas, sob o ponto de vista da adoração.

O foco da mordomia cristã é este: a quem vou adorar com o que tenho

Ministério: *Há um novo modelo de abordagem da Mordomia Cristã implantado pelo senhor. Fale sobre isso.*

Pastor Miguel: Trata-se de um trabalho voltado para a espiritualidade de cada crente. Para sermos fiéis mordomos, precisamos ir à presença de Deus nas primeiras horas de cada dia. Servimos a Deus dentro de uma unidade de tempo chamada dia. Nessa unidade de tempo, Deus concentra todos os Seus recursos salvíficos para que operemos com temor e tremor a nossa salvação através de Cristo. Nessa moldura, o objetivo é levar cada crente da América do Sul a desenvolver e incorporar à sua personalidade o hábito de buscar a Deus nas primeiras horas de cada dia. Um viver diário em sociedade com Deus vai modelar as prioridades e o enfoque de cada crente. À medida que eles crescem nessa sociedade, o Espírito Santo os guia para prover apoio financeiro para a missão da Igreja.

Ministério: *Qual é a dinâmica do programa?*

Pastor Miguel: Bem, nós o temos chamado de Seminário de Enriquecimento Espiritual. Está dividido em quatro partes: 1) Um seminário de 21 horas, no qual cada participante recebe o material para acompanhamento das aulas. Aqui, o aluno aprende a buscar a Deus. Concluído o seminário, os participantes recebem tarefas específicas, para colocar em prática, em casa, o que aprendeu. São tarefas que o ajudam a desenvolver o hábito da comunhão. 2) Jornada espiritual de 40 dias. Cada participante recebe orientações escritas sobre atividades devocionais pessoais, que devem ser desenvolvidas durante 40 madrugadas. 3) Intercessão nas madrugadas. No início da jornada de 40 dias, a pessoa ora pedindo que Deus indique cinco pessoas que ainda não são membros da igreja e morem na mesma cidade. Identificadas essas pessoas, o intercessor entra em contato com elas, informando que estará orando em favor delas durante os 40 dias seguintes. O intercessor deve testemunhar para essas pessoas. 4) Reencontro. Passados os 40 dias, há um reencontro dos participantes do programa, que devem estar acompanhados das pessoas pelas quais oraram. É uma reunião de testemunhos sobre as experiências e as conquistas dos dias anteriores.

Ministério: *Mas onde se encaixa a implementação da mordomia dos tesouros neste projeto?*

Pastor Miguel: Falamos dos tesouros dentro do seminário de 21 horas. A maior parte do conteúdo é sobre esse tema. Trabalhamos com as quatro áreas da Mordomia Cristã no contexto de comunhão e adoração. Ensina-mos que, em primeiro lugar, devem entregar a vida a Deus nas primeiras horas de cada dia, a fim de que possam experimentar o grande privilégio de adorá-Lo mediante a devolução dos dízimos e ofertas. Para Deus, é mais fácil usar os recursos dos mundanos irreligiosos que os das pessoas que apenas têm o nome na igreja, mas não levam a sério a comunhão com Ele. Falamos tão abertamente sobre os elementos da Mordomia Cristã como se falava no passado; mas, agora, focalizados na comunhão e adoração. Anteriormente, depois de uma campanha de mordomia cristã, as pessoas costumavam dizer: “Pastor, passei a devolver o dízimo

depois deste programa.” Agora, ouvimos: “Minha vida mudou em todos os aspectos, depois que aprendi a buscar a Deus em primeiro lugar.”

Ministério: *Como tem sido recebida a nova idéia?*

Pastor Miguel: Inicialmente, algumas pessoas ficaram esperando para ver aonde chegaríamos. Outros pensavam ser “mais um programa passageiro”. Iniciamos o projeto com um público específico: os líderes formadores de opinião. Eles experimentaram uma renovação espiritual e passaram a testemunhar o que estavam sentindo. As pessoas começaram a procurar a mesma bênção. Assim, aprendemos que não se chega ao todo de uma só vez, mas devemos avançar por partes. Ainda há muito o que fazer e aprender, pois o crescimento da igreja, também no âmbito da espiritualidade, não é uma ciência feita. O aprendizado e aprimoramento vão acontecendo à medida que avançamos.

Ministério: *Que fatos o senhor poderia apresentar como indicadores do êxito do plano, onde ele já foi implantado?*

Pastor Miguel: É cada vez maior em todos os lugares o número de pessoas que são atraídas a cada seminário. Levando em conta que a única forma de

propaganda é o testemunho de quem já fez o seminário e relata o que aconteceu na própria vida, esse é um fator positivo. Outra coisa: o seminário não é gratuito, mas isso nunca foi obstáculo para o interesse das pessoas, inclusive para não adventistas. O reencontro é outro ponto marcante. Tenho dito

*Se Deus não
for o primeiro,
outro tomará
Seu lugar
no trono do nosso
coração*

que no reencontro o pastor vê a igreja dos seus sonhos: irmãos acompanhados de pessoas pelas quais oraram e que agora manifestam desejo de ter a mesma experiência dos seus intercessores. Em Ilhéus, BA, o primeiro seminário foi para somente 13 líderes. No segundo, tivemos 240 participantes. Esses testemunharam e inscreveram

1.500 pessoas no terceiro seminário. No Recife, PE, em maio de 2004, o primeiro seminário reuniu 420 líderes de cada distrito. No dia do reencontro, 2.400 pessoas lotaram o maior teatro da cidade. O primeiro seminário em Porto Alegre, RS, teve a participação de 600 representantes distritais. O reencontro reuniu mais de duas mil pessoas.

Tanto em Pernambuco como no Rio Grande do Sul, os seminários agora são realizados em cada distrito pastoral.

Ministério: *Há uma data-limite na qual o senhor deseja ter alcançado toda a Divisão Sul-Americana com esse programa?*

Pastor Miguel: Queremos consolidar um sonho, uma marca. Quando um sonho é abrangente,

sua concretização requer tempo, uma visão clara do futuro desejado. O ministério de Mordomia Cristã cuida da espiritualidade do crente, e isso envolve questões cruciais para nossa existência. Na verdade, lidamos com questões transcendentais. A base do Seminário de Enriquecimento Espiritual é a espiritualidade, como já vimos exaustivamente. Porém, vamos trabalhar com diferentes ênfases durante o quinquênio, sendo que no biênio 2006/2007 será realçada a intimidade diária com Deus, com base no pressuposto: “Sou salvo a cada manhã, para ser santo durante o dia”. Em 2008/2009, saúde e adoração. O lema é este: “Adorar a Deus e cumprir a missão na alegria da saúde e não na tristeza e apatia da enfermidade”. Finalmente, em 2010, o batismo diário no Espírito Santo e o desenvolvimento dos dons e habilidades.

Ministério: *O que o senhor espera dos pastores, no contexto desse projeto?*

Pastor Miguel: Em primeiro lugar, que todos experimentem o plano em sua própria vida. Tenho visitado muitos pastores, e vejo que a maior necessidade que temos é a de andar com Deus todos os dias, para que possamos ter Sua mente e Seu coração. A missão que temos a cumprir exige que nos entreguemos a Deus, antes e acima de qualquer compromisso. Temos muitas atividades para realizar, mas Deus deve ser o primeiro e estar no primeiro lugar. Se Ele não for o primeiro, outro certamente tomará Seu lugar no trono do nosso coração. Antes de qualquer coisa, Deus. Devemos despertar cada manhã, respirando Deus e o poder de Sua Palavra. Em segundo lugar, espero que levem seus líderes a experimentar a vida que vem da Palavra, a cada manhã. Quando o pastor vai à frente, tudo fica mais fácil. Desejo alertar também no sentido de que tenham paciência, e não se precipitem tentando realizar o projeto com toda a igreja de uma só vez. Primeiro, os líderes; através deles, poderão chegar mais facilmente aos demais membros. Há dois anos para cada ênfase. Portanto, há tempo de sobra para organizar o trabalho. Muitos excelentes projetos tiveram seu período de vida útil encurtado, por causa da pressa, falta de organização e busca por resultados imediatos. Avançando por partes, fica mais fácil atingir o todo com eficiência. ■

UM TRABALHO ESPECIAL



Liliana de Palacios

Diretora de Educação da Missão Argentina do Sul

É nosso dever imprimir na mente dos nossos filhos conceitos de graça, adoração, confiança, fé e serviço

Encontrava-me, junto com minha filha, desfrutando um belo dia de verão em uma praia. Na tranqüilidade daquele lugar, observava também como outras famílias aproveitavam as horas de lazer. Em certo momento, parei a leitura de um livro e minha atenção foi atraída para uma mãe que passeava com o filho. Tendo-o preso pela cintura, a mãe o impulsionava para frente, a fim de que recolhesse as conchas que o mar trazia com suas ondas.

Fiquei surpresa, ao notar, de início, que a criança era grande o suficiente para andar e fazer aquele trabalho por si mesma, deliciando-se na areia e nas águas do mar. Porém, observando com mais atenção, notei suas pernas finas e deformadas que impediam movimentos independentes. E sua mãe a ajudava a desfrutar aquele momento.

Esse fato produziu em minha mente lampejos de pensamentos que iam da ternura e compaixão até à emoção de lutar por nossos entes mais amados. A reflexão sobre a cena me transportou do plano familiar, imaginando como eu faria em caso semelhante, à igreja, onde encontramos tantos jovens e crianças necessitados de nosso apoio e compreensão. Alguns deles precisam ser carregados nos braços, para que seja aliviada a carga de suas vidas imaturas.

GRÇA E ADORAÇÃO

Que objetivos temos para nossos filhos? Porventura, estamos lhes possibilitando crescer em uma atmosfera espiritual de paz, saturada e caracterizada pela graça? Oferecemos a eles um ambiente no qual possam aprender que Jesus os ama incondicionalmente, e deseja carregá-los em Seus braços, ajudando-os a superar limitações?

Nosso grande compromisso é fazer o melhor para o desenvolvimento espiritual de nossas crianças e jovens. Nossa tarefa é produzir o impacto de uma orientação cheia de graça, como resposta às indagações que eles fazem a respeito da salvação gratuitamente oferecida por Deus.

Ao observar a mãe na praia, refleti sobre como aquela família descobriu a satisfação de adorar a Deus, apesar das circunstâncias adversas. Sim, porque, ao desfrutar da luz e do calor do Sol, bem como da brisa suave, as atitudes do menino deficiente eram como resposta de gratidão por todas as coisas criadas. Isso é adoração. Independentemente das adversidades, podemos sempre revelar alegria e gratidão diante das manifestações de amor e cuidado de Deus por nós.

FÉ, CONFIANÇA E SERVIÇO

A intimidade entre aquela mãe e seu filho me levou a pensar na sincera confiança revelada por alguém que, em busca da felicidade, deposita a vida sob os cuidados de outra pessoa. Indubitavelmente, necessitamos favorecer aos nossos jovens e crianças o desenvolvimento da fé genuína, de modo que sua experiência pessoal, vivida no lar, na igreja e no mundo, seja coerente com os princípios que lhes ensinamos.

Nossos filhos devem aprender a explorar sua própria fé, apoiando a igreja com orações, recursos financeiros, influência e talentos, colocando tudo a serviço de Deus e em favor do semelhante. Olhando a mãe servindo de pernas para o filho, levando-o de concha em concha, pensei: quanto podemos fazer em favor das pessoas que nos cercam!

É nossa responsabilidade prover oportunidades para que nossos filhos sirvam com alegria. Podemos e devemos ensinar-lhes sobre as bênçãos decorrentes de servir a Deus e ao próximo. Assim, aprendem que as obrigações de cada dia podem ser atos de devoção e que cada pessoa tem um lugar especial no plano missionário de Deus.

Sim, é nosso dever imprimir conceitos de graça, adoração, confiança, fé e serviço, na mente e no coração dos nossos filhos. Talvez, alguns deles transitem com dificuldade pelo caminho do aprendizado, necessitando ser carregados para colher os frutos da vida. Mas a recompensa virá. ◊

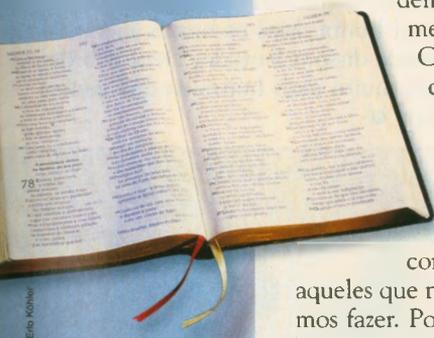
MISSÃO E ADORAÇÃO HOJE



Borge Schantz

Teólogo jubilado,
residente em
Bjæverkovs,
Dinamarca

*A igreja deve
estar aberta a
novas idéias;
e aceitar
somente as que
se enquadram
na moldura
bíblica*



Tendo chegado ao século 21, nossa Igreja enfrenta muitos desafios. Um dos maiores entre eles é como adaptar-se às mudanças e ao mesmo tempo permanecer fiel à mensagem que deve transmitir ao mundo. Para começar, devemos estar atentos aos perigos do processo de atualizar nossos métodos evangelísticos, enquanto lutamos para conservar intacto o coração da mensagem adventista. Por exemplo, podemos ser tentados a aceitar, indiscriminadamente, métodos de comprovado sucesso em outras tradições religiosas, sem levar em conta suas implicações. Certamente, devemos aceitar apenas o que estiver dentro da moldura de nossos princípios bíblicos.

Levar pessoas a Cristo envolve um delicado equilíbrio entre mensageiro, mensagem, métodos e público-alvo. Contudo, o principal motivo do crescimento da igreja será sempre a pessoa-alvo com sua busca de significado e propósito para a vida. É a nostalgia da pessoa pelo Céu; o anseio do pecador pela paz com Deus, mesmo que ele não tenha consciência desses pensamentos. Para aqueles que não querem isso, nada há que possamos fazer. Por mais doloroso que seja, o próprio Mestre aconselhou a sacudir o pó dos nossos pés, quando as pessoas não quiserem ouvir.

Ao mesmo tempo, o afrouxamento da mensagem do advento é inaceitável. A arte de fazer discípulos jamais deveria ser maculada pelo rebaixamento de padrões. Os valores do adventismo devem ser conservados na moldura evangelística. Nesse delicado processo, temos o sagrado dever de guardar zelosamente nossos ensinamentos. Nossa mensagem é poderosa; necessitamos testemunhar dignamente a seu respeito.

TENDÊNCIAS EM DEBATE

Atualmente, fala-se muito sobre os dons es-

pirituais, ou a possível falta deles, nas igrejas adventistas. Para compreender a ênfase que alguns grupos evangélicos colocam na aplicação de certos dons espirituais, baseados numa interpretação extremista de algumas passagens da Escritura, as seguintes considerações podem ajudar. É um resumo incompleto, mas aponta algumas razões para o desenvolvimento das tendências gerais do crescimento de igreja.

1. Historicamente, enfatizava-se o crescimento pela adição de indivíduos. Esse conceito foi influenciado pelo individualismo ocidental, onde o *eu* e o *me* são o centro. Mas a reação dos chamados campos missionários foi negativa, porque em outras partes do mundo o que é importante é a família, o clã, a tribo, o grupo. As pessoas são parte não apenas da família, mas de um companheirismo mais amplo. A própria Bíblia diz que Noé e sua família entraram na arca; Josué disse: “eu e minha casa serviremos ao Senhor”.

2. Com esse pano de fundo, a expressão “crescimento de igreja” entrou em uso. O foco mudou para a igreja; passou-se a ensinar e escrever muito sobre o tema. Porém, os resultados não corresponderam. Algumas igrejas cresceram, devido à transferência de membros. Em alguns casos, ficaram tão cheias que os pastores tiveram dificuldades para administrá-las.

3. Foi aí que o conceito de “plantar igrejas” entrou no quadro. Novas igrejas deveriam ser estabelecidas em lugares novos. Assim, a mensagem cristã seria disseminada. Os especialistas nessa área têm usado *slogans* interessantes, tais como “é mais fácil gerar um bebê do que ressuscitar um morto”. O problema é que, em alguns lugares, divide-se uma igreja antiga para formar uma nova, enfraquecendo a primeira. Assim, nenhum bebê nasceu; mas o “idoso” foi empurrado um passo mais para a sepultura.

4. A última onda do movimento de crescimento é a promoção dos dons espirituais. Há quem diga que, quando o testemunho pessoal, o

crescimento ou plantio de igreja não produzem os resultados esperados, a razão é que os dons não foram empregados como deveriam. Especial ênfase é dada sobre os dons de curar, sinais, milagres e línguas.

Os defensores dessa idéia chamam a atenção para as correntes carismáticas que têm alcançado 500 milhões de cristãos de quase 15 mil denominações, incluindo evangélicos e católicos, em todo o mundo. A ênfase unilateral sobre os dons tem causado conflitos, pois muitos cristãos não sentem necessidade dessa experiência emocional extrema.

Os adventistas têm sentido o vento das mudanças. Algumas igrejas chegaram a adotar o movimento “celebração”. Minha impressão é de que esse movimento causou certo impacto em muitas igrejas, mas teve vida curta. A verdade é que isso não cabe nas tradições adventistas. No contexto dos dons, o da hospitalidade e o de ensinar são os mais efetivos no testemunho.

Em nosso planejamento para tornar eficientes as igrejas, devemos compreender que o Senhor alcança diferentes pessoas através de modos diferentes. Algumas são inspiradas ao ler ou ouvir temas teológicos profundos; outras, ouvindo narrativas sobre personalidades bíblicas. Muitos são iluminados explorando profecias. Algumas pessoas recebem orientação divina através de meios emocionais como a música, por exemplo. Seja como for, quando Deus alcança uma pessoa, Sua maneira de agir é sempre dentro dos limites que Sua Palavra estabeleceu para crenças e práticas.

UNIDADE NA DIVERSIDADE

Foi realizada uma pesquisa numa igreja evangélica de quatro mil membros, na Califórnia, que congrega jovens, idosos, representantes de várias etnias e culturas. Durante as reuniões do fim de semana, divididos em grupos, todos participavam de programações específicas para cada idade, cultura, idioma e preferência. O pastor, entretanto, estabeleceu que, na hora do culto, deveriam estar juntos, cantando os mesmos hinos, ouvindo o mesmo sermão. Não era permitida nenhuma outra atividade nesse momento. O objetivo era integrar a igreja como um todo, não importando os antecedentes e interesses de cada um.

Outra pesquisa feita na mesma igreja indagou sobre a necessidade de mudanças e renovação dos programas. Muitas respostas revelaram que os membros queriam continuar juntos no culto, como família; não queriam estar separados. Também gostariam de saber o tempo exato quando deveriam estar sentados, levantar para cantar ou ler a Bíblia, e quando deveriam se ajoelhar para a oração. O único item da programação tradicional que desejariam que fosse uma surpresa era o sermão. Disseram que um sermão sempre novo, cheio de vida, bem preparado, curto e apelante seria “uma festa”.

MODELO FAMILIAR

O equilíbrio saudável na vida da igreja somente será obtido quando crianças, jovens, pais e membros mais idosos aceitarem-se mutuamente. Não acontecerá através da segregação de grupos conforme a idade, etnia ou qualquer outro fator. Todos devem sentir que são parte da família de Deus.

Na transição do modelo de santuário do Antigo Testamento para a igreja do Novo Testamento, vá-

rios fatores, como a forma de culto da sinagoga, por exemplo, exerceram grande influência. Entretanto, foi o modelo de família que proveu estrutura para as recém-fundadas igrejas. No Novo Testamento, encontramos termos como *pai* (Mat. 23:9), *irmãos* (1 Ped. 2:17), *filhos* (Rom. 8:17), *casa* (Heb. 3:2 e 3), *bodas* (Apoc. 19:7), *noiva* e *noivo* (João 3:29), todos aplicados à igreja, suas atividades e organização, bem como à experiência dos crentes. Esses termos significam todas as funções da igreja. Assim como a família provê abrigo, proteção, educação, disciplina, desenvolvimento, aceitação, amor, cuidado e preocupação por seus membros, a igreja deve fazer isso.

No mundo moderno, onde as pessoas são tratadas de acordo com sua origem, educação, nacionalidade, cor, posição socioeconômica etc., a igreja de Deus é o melhor lugar no qual elas possam ser integradas.

INCLUSÃO TOTAL

1. A igreja deve estar aberta a novas idéias. Entretanto, elas devem estar de acordo com os ensinamentos bíblicos.

2. O plantio genuíno de igrejas não é obtido por dividir igrejas existentes.

3. A história bíblica e eclesiástica revela que o modelo ideal de igreja é onde todos convivem e trabalham em harmonia.

4. Membros idosos devem compreender que a idade pode tornar as pessoas mais conservadoras e rígidas. Eles devem orar por flexibilidade e delegar responsabilidades aos jovens.

5. Os jovens, geralmente descritos como o futuro da igreja, são também o seu presente. Eles devem mostrar generosidade e paciência com os idosos.

6. Todos devem seguir o princípio que Paulo expôs em suas cartas, quando disse que o amor deve prevalecer sobre o conhecimento (1 Cor. 8).

A igreja é comparada a um corpo com seus membros, “e os que nos parecem menos dignos no corpo, a estes damos muito maior honra; também os que em nós não são decorosos, revestimos de especial honra. Mas os nossos membros nobres não têm necessidade disso. Contudo, Deus coordenou o corpo, concedendo muito mais honra ao que menos tinha” (1 Cor. 12:23 e 24). ❁



REGOZIJOS EM VEZ DE TEMOR



José Orlando Silva

Pastor na
Associação Bahia

*O selamento é
uma obra
da graça, que
deve proporcionar
intensa alegria
ao cristão*

Alguns cristãos reagem aos eventos finais com certa dose de incerteza, medo, até mesmo terror. A iminência do decreto dominical, a Sacudidura, o fechamento da porta da graça e, principalmente, a verdade do Selamento suscitam muitas interrogações angustiantes nessas pessoas. Tal atitude é reveladora do modo, correto ou distorcido, como estão considerando o assunto. Afinal, a atitude esperada no crente, face à proximidade dos eventos que culminarão com a volta de Jesus, é de alegria e pleno regozijo. Paulo define a alegria como um dos frutos do Espírito (Gál. 5:22). E Ellen White afirma que “onde quer que reine o Seu Espírito, aí habita paz. E haverá alegria também, pois há uma calma e santa confiança em Deus”.¹

O pecado é o responsável por todo sentimento contrário ao regozijo e à alegria plena. O medo está presente no coração errante e inseguro. Foi essa a primeira consequência do pecado cometido por nossos primeiros pais. À pergunta de Deus: “Onde estás?”, Adão respondeu: “tive medo e me escondi” (Gên. 3:10). Este é o objetivo de Satanás: deturpar a pessoa de Deus e Suas mensagens, a fim de que o ser humano se distancie dEle, rejeitando Seus conselhos e advertências.

Uma das mensagens na qual o inimigo inocula seu veneno de temor é a do Selamento, que é um ensinamento central em relação ao tempo do fim. O Selamento define os verdadeiros cristãos. A lei dominical aponta para ele; a sacudidura é o instrumento para definir os selados. Com o fechamento da porta da graça, finda-se a chance de selamento, e a volta de Jesus é o momento do resgate dos selados.

SELO QUE SEPARA

Existem alguns fatores que talvez expliquem o temor que ronda a mensagem do Selamento: desconhecimento do assunto, idéias errôneas associadas a uma seleção rígida e legalista, o próprio selo que separa, as características dos selados, para mencionar apenas alguns.

Entretanto, o Selamento é uma obra de graça, que deve propiciar imensa alegria aos cristãos. Ele livra o povo de Deus da destruição iminente e o preserva para Seu reino. Se tivermos de viver até que Cristo volte, precisamos receber o selo de Deus; não estar selado é estar perdido. As sete últimas pragas ocorrerão somente depois que o povo de Deus estiver selado. Portanto, este é o tempo em que precisamos não apenas entender o momento decisivo em que vivemos, mas buscar preparo real e autêntico para os dias vindouros. O inimigo está usando todo artifício que lhe é possível empregar, para desviar da verdade presente a mente dos filhos de Deus, e levá-los a vacilar. Felizmente, Deus também age: “Vi que Deus estava estendendo uma cobertura sobre o Seu povo a fim de protegê-lo no tempo de angústia; e que cada alma que se decidia pela verdade e era pura de coração devia ser coberta com a proteção do Todo-poderoso...”²

Para compreendermos como se efetua o selamento, precisamos identificar quem o faz e o selo utilizado no processo. Apocalipse 7:2 informa que um “anjo que subia do

nascente do Sol” (Oriente) tinha a missão de efetuar o selamento. O tabernáculo original estava voltado para o Oriente (Êxo. 27:13-15). A tribo de Judá, ascendente de Jesus, localizava-se no lado oriental do acampamento de Israel no deserto (Núm. 2:3). Lemos em Lucas 1:78: “graças à entra-nhável misericórdia de nosso Deus, pela qual nos visitará o Sol nascente [Oriente] das alturas...” O “Sol nascente” ou “Oriente” desceu à Terra em Jesus Cristo. Malaquias refere-se ao Messias, dizendo que “nascerá o Sol da Justiça, trazendo salvação nas Suas asas” (Mal. 4:2). Cristo e os anjos constituem os “reis do Oriente”, mencionados em Apocalipse 16:12.

Sendo assim, o Anjo do selamento não é outro senão Cristo. Tal conclu-

*O sábado é
um sinal revelador
da vida de obediência,
fruto da graça*

são ilumina a compreensão do selo que nos separa. O apóstolo João declara: “Olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o monte Sião, e com Ele cento e quarenta e quatro mil, tendo na frente escrito o Seu nome e o nome de Seu Pai” (Apoc. 14:1. Comparar com 3:12; 22:14). O nome do Pai e o nome de Cristo são símbolos do caráter divino. Escreveu o salmista: “Eu, porém, renderei graças ao Senhor, segundo a Sua justiça, e cantarei louvores ao nome do Senhor Altíssimo” (Sal. 7:17). Quando louvamos o nome do Senhor, louvamos Seu caráter.

Portanto, o selo do Deus vivo é o Seu caráter gravado na alma dos que se dedicam inteiramente a Cristo. O Espírito Santo traz a justiça de Cristo ao coração de cada fiel cristão (Rom. 8:9 e 10). Vivendo a experiência do novo nascimento (João 3:1-16), temos o selo inicial do Espírito, o “penhor da nossa herança, até o resgate da sua propriedade” (Efés. 1:14). A graça de Cristo, através da ação do Espírito Santo no coração, é o meio pelo qual somos separados como Seu povo peculiar. “Assim como a cera recebe a im-

pressão do selo, também a alma deve receber a impressão do Espírito de Deus e reter a imagem de Cristo.”³ Enquanto a graça de Cristo é identificada como o instrumento de separação, o sábado aparece como selo identificador, ou sinal exterior que evidencia os separados em Cristo. O erro está em colocarmos a evidência no lugar da causa, pois assim estamos atribuindo característica redentora a um princípio normativo imutável. Esse lapso interpretativo pode comprometer o entendimento do processo de salvação, que é um ato de Jesus Cristo.

O sábado é o selo de Deus, pois assim ele é identificado na Bíblia (Êxo. 31:13 e 17; Ezeq. 20:12 e 20). O nome de Deus, ou Seu caráter, é revelado em Suas obras criadora e redentora, das quais o sábado é memorial. Quem recebe a concessão do caráter de Cristo demonstra que observa o sábado como memorial de sua vitória espiritual em Jesus. Concluimos, pois, que a graça, que é alcançada pelo braço da fé, é o verdadeiro selo que separa; enquanto o sábado é o selo de Deus no sentido de ser um sinal revelador da vida de obediência, fruto da graça.

Os 144 mil

No relato do Selamento aparecem os 144 mil como fiel e selado povo de Deus, que estará vivendo na Terra por ocasião da volta de Cristo. Segundo as Escrituras, esse grupo provém das doze tribos de Israel; não no sentido literal, pois as tribos não mais existem. Elas são mencionadas porque, em sua totalidade, representam o povo de Deus, israelitas e gentios espirituais. Trata-se de um tema apresentado em linguagem simbólica, que demanda interpretação espiritual.

Os capítulos 7 e 14 do Apocalipse declaram que os 144 mil estariam reunidos no Monte Sião, junto com o Cordeiro. Esse Cordeiro é uma referência a Cristo, a respeito de quem disse João Batista: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (João 1:29). Se o Cordeiro não é literal, não o são também o Monte Sião e o número 144 mil. Recorrendo ao texto bíblico, encontramos que, no passado, Sião era o local de onde Deus falava (Joel 3:16), onde habitava (Joel 3:17) e congregava Seu povo (Joel 2:15). Não há dúvidas no sentido de que o lugar que, hoje, mantém essas características é a igreja, estabele-

cida por Cristo, organizada pelos apóstolos e que constitui o novo Israel.

As verdades bíblicas são apresentadas através de muitas formas: parábolas, cronologia, cânticos, narrativas, poesia, biografia, além de números que carregam o sentido de perfeição, plenitude e universalidade. No caso dos 144 mil, é vista outra figura interpretativa em relação ao número, ou seja, a intensificação. Ao responder a pergunta de Pedro sobre o limite do perdão, o Mestre disse que deveríamos perdoar 70 x 7, referindo-Se, desse modo, ao perdão completo (Mat. 18:22).

Junto a isso, percebemos que o número 144 mil resulta da multiplicação de 12 x 12 x 1.000. Embora recomende o silêncio, em lugar de especulações inócuas sobre esse tema, Ellen White apresenta as características dos 144 mil, em perfeita consonância com o texto bíblico: “Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vai’ (Apoc. 14:4). ‘Estes, tendo sido trasladados da Terra, dentre os vivos, são tidos como as primícias para Deus e para o Cordeiro’ (Apoc. 14:4). ‘Estes são os que vieram de grande tribulação’ (Apoc. 7:14); passaram pelo tempo de angústia tal como nunca houve desde que houve nação; suportaram a aflição do tempo da angústia de Jacó; permaneceram sem intercessor durante o derramamento final dos juzos de Deus. Mas foram livres, pois ‘lavaram os seus vestidos, e os branquearam no sangue do Cordeiro’. ‘Na sua boca não se achou engano; porque são irreprensíveis’ diante de Deus.”⁴

Esse grupo terá vivido uma experiência singular: angústia, sofrimento, pureza espiritual e fidelidade irrestrita. E será vitorioso, pela graça e no poder de Deus. Perfilado às margens do mar “como que de vidro”, junto ao Cordeiro, entoarão um cântico especial, o da vitória e do livramento (Apoc. 14:3). Diante desse quadro, a melhor escolha é seguirmos e fazermos ecoar o conselho do Mestre: “Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos Céus” (Mat. 5:12). ◻

Referências:

- 1 Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 153.
- 2 _____, *Primeiros Escritos*, pág. 43.
- 3 Comentários de Ellen G. White, *SDABC*, vol. 7, pág. 970.
- 4 Ellen G. White, *O Grande Conflito*, pág. 649.
- 5 _____, *Caminho a Cristo*, pág. 118.

O CORAÇÃO DA MENSAGEM



Patrick Boyle

Pastor jubilado,
residente em Watford,
Inglaterra

*No sermão,
o único fator
inegociável e
insubstituível é
o propósito de
ligar pecadores
a Jesus*

Inegavelmente, a pregação de nossos dias necessita experimentar uma revolução total. Em um mundo congestionado por variadas formas de comunicação que estão competindo entre si – dramatizações, teatro, apresentações em PowerPoint, videoconferências, televisão, Internet e suas salas de bate-papo –, surgem algumas indagações: Que tipo de papel a pregação deve desempenhar, se é que ela deve permanecer coerente com seu divino propósito? Pode a pregação ser relevante? Pode conservar-se autêntica e poderosa?

Um sermão que ouvi, não faz muito tempo, me despertou para essas questões. O pregador buscava mostrar o quanto a vida é significativa. A estrutura de sua mensagem era clara, sob três tópicos: sobrevivência, sucesso e significado. As ilustrações utilizadas estavam bem de acordo. Contudo, havia sérias dificuldades na apresentação e em relação à relevância espiritual.

A apresentação da mensagem estava caracterizada por insegurança e hesitação. O pastor falava como se estivesse explicando como remendar um pneu furado. Sua exposição não tinha entusiasmo nem energia. Ele chutava e socava o púlpito, mas não conseguia dar vida à sua comunicação. E essa ausência de vida encontrava resposta no menear de cabeças entre a congregação.

Ainda mais mortal, da perspectiva dos ouvintes, era a ausência de Cristo no sermão. Como poderia aquele pregador captar o coração e a mente dos ouvintes, sem tornar a beleza, o amor e a misericórdia de Jesus o coração de sua mensagem? Um sermão sem Jesus não passa de um discurso desprovido de conteúdo e poder divinos e, conseqüentemente, sem a indispensável comunicação das boas-novas da salvação.

Reconheço que essa crítica tem seu lado perigoso. Alguém pode se valer dela e achar que tem licença para julgar indiscriminadamente, segundo seus critérios preconceituosos, sermões que pareçam adequados a muitos ouvintes. Porém, tenho a firme esperança de que as observações seguintes ajudarão, de algum modo, a evitar esse engano.

FATOR INEGOCIÁVEL

Quando falamos de pregação, o único fator inegociável é o desejo e a intenção de ligar o povo em seus pecados e fraquezas a Jesus, Seu amor, poder e salvação. Todos os elementos da homilética podem estar no devido lugar; mas, sem Jesus – central, proeminente e absolutamente relevante – a salvação do ouvinte não pode acontecer, e não acontecerá. Apenas quando Jesus está presente a salvação se torna possível. Sem Ele, pode haver excelente música, apresentação polida e fina, mas não haverá salvação. Almas famintas continuarão famintas. Escravos do pecado continuarão sem liberdade. Santos desencorajados não obterão conforto. O aflito e ferido continuará sem alívio.

Jesus deve estar presente na pregação. Ele deve estar invariavelmente presente, para salvar e dar vida àqueles que vão buscá-la. Ele deve estar presente como o pão e a água da vida, para renovar, refrigerar, reformar e restaurar aqueles que O procu-

ram, carentes de graça, misericórdia e consolo. Sim, Cristo deve estar presente na pregação, a fim de que a vida entre nos mortos espirituais, e para que o poder divino liberte e salve os ouvintes dos seus pecados.

Salvação não é apenas um item opcional da pregação. Ao levantar-se diante da congregação, o pregador deve sentir o peso da responsabilidade pelos perdidos. Semelhantemente, ele deve ver homens e mulheres, meninos e meninas, como Jesus os vê, ou seja, como candidatos ao reino de Deus. Seu coração deve estar impregnado de interesse pela salvação das pessoas. Precisamos ter plena consciência do que significa estar alguém perdido; e então alcançá-lo e tocá-lo com a oferta de salvação. É vital que compreendamos a natureza da perdição. Devemos imergir no conhecimento das trevas do desespero, a fim de que possamos confortar o desesperado. Há coisas que precisamos saber e compreender, para tornar salvadora nossa pregação. Somos mais que agentes que transmitem informações. Somos arautos da salvação em Cristo Jesus.

Como afirmou Isaac Watts, é somente quando temos “avaliado a extraordinária cruz sobre a qual morreu o Príncipe da glória que podemos compreender o pecado e a salvação”. Sem essa experiência, não somos mais que meros oradores, terapeutas no púlpito. Isso é pouco para o que realmente devemos ser.

DINÂMICA DIVINA

Na pregação cujo centro é a salvação em Jesus Cristo, há uma dinâmica divina que não apenas liga o pecador ao Salvador, mas também afeta o pregador. Toda pessoa que ergue a cruz, também é exaltada pela própria cruz. A centralidade da cruz nos propósitos de Deus é inegociável, e isso deve ser claramente apresentado na pregação. “Os seres celestiais sabem que a cruz é o grande centro de atração. Sabem que é por meio da cruz que o homem caído deve receber a expiação e ser colocado em harmonia com Deus.”¹

A pregação da cruz nunca é sem efeito. “Se a cruz não encontra uma influência em seu favor, ela cria uma influência.”² Somente quando a cruz é proclamada e colocada no centro da mensagem é que ela pode salvar pecadores apanhados pelas garras do mal. Deixar de pregar a cruz simplesmente

reduz pastores e congregações a pessoas que talvez façam amigos, mas não influenciam ninguém. Pecadores não encontram perdão nem salvação.

O púlpito contemporâneo precisa recuperar sua função primária que é levantar Jesus diante do povo; centralizá-Lo. Foi Ele mesmo quem disse: “E Eu, quando for levantado da Terra, atrairei todos a Mim mesmo” (João 12:32). Ele deve ser engrandecido no coração e na mente de todos para quem o evangelho é proclamado. Qualquer que seja nossa perspectiva pessoal, as pessoas vêm à igreja essencialmente para adorar, porque sentem necessidade da ajuda celestial e crêem que a encontrarão ali. Elas não vêm para ser entretidas, mas para ser divinamente iluminadas. Almas pecadoras estão buscando liberdade do cativo da insignificância e falta de propósito. Elas querem vida e salvação, e somente podem encontrá-las em Jesus. Não existem alternativas nem substitutos para Jesus.

FUNDAMENTO BÍBLICO

A pregação contemporânea necessita recuperar seu fundamento bíblico e teológico. Certamente, há lugar para diferentes tipos de sermão: devocional, doutrinário, tópico, biográfico e assim por diante. Porém, não existe lugar nem espaço para a pregação sem Cristo.

Vivemos numa época de valores relativos. As pessoas têm uma atitude em relação à vida na base de “pegue ou largue”. Se os pregadores e a pregação devem mesmo penetrar o estilo de vida de homens e mulheres, então precisam recuperar os valores bíblicos absolutos. Essa recuperação é possível somente quando o Espírito Santo reina livremente no púlpito. Os pregadores necessitam pesquisar a profundidade teológica e psicológica dos ensinamentos de Cristo e de Suas declarações sobre salvação.

Por exemplo, Jesus afirmou: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por Mim” (João 14:6). Aqui, Jesus Cristo está declarando uma verdade teológica absoluta, de relevância eterna e universal, ou está fazendo uma afirmação fora de sentido. Ou Ele é ou não é o único Salvador. Em caso afirmativo, façamos com que essa verdade seja ouvida dos nossos púlpitos, em todo o seu poder e clareza. Ela deve ser ouvi-

da não como um dogmatismo, mas como a salvação. Pedro endossou esse pensamento, quando afirmou: “E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (Atos 4:12).

A unicidade de Cristo como nosso Salvador é também atestada no livro aos hebreus: “...porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio imutável. Por isso também pode salvar totalmente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Heb. 7:24 e 25).

Eis, portanto, a plenitude da salvação. Aqui reside o encorajamento para o pecador. Aqui está Cristo vivo, não um herói morto ou alguma figura mitológica. Eis a fonte de poder para salvação completa (João 14:6). Aqui está Jesus indiscutível e claramente estabelecido como o caminho único para Deus e a salvação. Não existem alternativas, não há substitutos através dos quais possamos chegar a Deus. Somente Cristo pode salvar e o faz completamente, se nos achegarmos a Ele. Que bela é a maneira com que somos informados que Jesus é um Salvador vivo, que intercede não por Si mesmo, mas por nós e por nossa salvação! O ser humano é receptor; não originador da salvação.

A OBSESSÃO DE PAULO

O apóstolo Paulo deixou-se incendiar pela obsessão de Cristo Jesus como Salvador. Para ele, simplesmente não havia outro. Foi possuído por Jesus e Sua salvação. Com esse sentimento, escreveu aos romanos: “Quem tentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu, ou antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós” (Rom. 8:33 e 34).

Como pregadores, devemos também nos tornar obsecados por Jesus, levantando-O diante de todos. Devemos fazê-lo, zelosamente, sem pedir desculpas e sem timidez. Devemos fazê-lo com fé, não importando o que aparentemente possa nos confrontar ou que alternativas o mundo ouse oferecer. Não devemos nos intimidar. Do púlpito à mesa da cozinha; em público ou em particular, devemos exaltar Jesus Cristo como a fonte da salvação. Devemos levantá-Lo diante do mun-

do não somente como Salvador, mas como ajudador, encorajador, confortador, amigo, guia e companheiro.

CONSOLO, REPREENSÃO E MOTIVAÇÃO

Se existe um livro que, mais que todos os outros, me tem instruído ao longo do meu ministério, esse é o *Obreiros Evangélicos*. Lutando com muitas e recorrentes fraquezas como pregador e pastor, encontro nesse livro consolo, encorajamento, repreensão, motivação e instrução para continuar a jornada. Citações de suas páginas refrigeram minha mente. Muito relevante ao propósito deste artigo é a declaração que ali encontramos a respeito de Paulo:

“O coração de Paulo achava-se repleto de um profundo e permanentemente sentimento de sua responsabilidade; e ele trabalhava em comunhão com Aquela que é a fonte da justiça, da misericórdia e da verdade. Apegava-se à cruz de Cristo como sua garantia única de êxito. O amor do Salvador era o constante motivo que o sustinha nos conflitos com o próprio eu e na luta contra o mal, quando, no serviço de Cristo, avançava contra a inimizade do mundo e a oposição dos inimigos.”³

A pregação no mundo contemporâneo não é uma tarefa fácil. Ela enfrenta muitos desafios e obstáculos, destacando-se entre eles a indiferença. Contudo, pregar salvação, pregar Jesus como Salvador, é um privilégio. O poder para cumprir essa tarefa não é nosso; vem de Deus. Um dos mais preciosos e destacados ensinamentos da história cristã é que todo reavivamento e reforma entre os crentes teve seu início quando a igreja recuperou, resgatou, e proclamou a realidade de Cristo Jesus e Sua salvação. Todos os que uma vez estiveram famintos e sedentos de pão e água da vida, ouviram e aceitaram as gloriosas boas-novas de Cristo como Senhor e Salvador.

Não é verdade que os ataques contra a pregação bem como o surgimento de alternativas encontraram espaço porque, em lugar da comissão evangélica, temos permitido que o mundo, a sociedade e as necessidades humanas estabeleçam nossa agenda de pregadores? Não temos nós focalizado demasiadamente sobre os problemas em lugar da solução? Seria esse nosso desvio por caminhos alternativos devido a

falta de fé em que Jesus seja verdadeiramente a resposta? Sabemos realmente, experimentamos e cremos pessoalmente que Jesus salva?

O declínio da religião no mundo ocidental tem seu paralelo na condição do cristianismo do século 18 na Inglaterra. A perversidade e a indiferença da população para com a religião eram endêmicas. A solução que Deus encontrou para enfrentar a situação foi enviar George Whitefield, João e Carlos Wesley e Guilherme Carey, que ofereceram Cristo em toda a Sua beleza e atração para todas as classes. O resultado foi não apenas a transformação do cristianismo como um poder salvador na vida de multidões, mas a reforma da sociedade. Esses homens colocaram em movimento influências cujos efeitos perduram ainda hoje e causam impacto em todas as classes sociais.

Hoje, não é diferente do que foi ou será em qualquer outra época. A salvação acontece apenas quando, em hu-

mildade e fé, Jesus é erguido com todo o Seu encanto e beleza. Quando isso acontece, Ele é capaz de cumprir o que afirmou: “E Eu, quando for levantado da Terra, atrairei todos a Mim mesmo.” 

Referências:

1 Ellen G. White, *Este Dia com Deus* (Meditação Matinal, 1980), pág. 49.

2 _____, *Seventh-day Adventists Answer Questions on Doctrine* (Washington: Review and Herald, 1957), pág. 661.

3 _____, *Obreiros Evangélicos*, pág. 61.

TRÊS LIÇÕES QUE APRENDI



Josanan A. Barros Júnior

Pastor na Associação
Pernambucana

O senso da presença de Deus e de nossa dependência dEle remove todo temor

Já passava da meia-noite, e eu me encontrava refletindo. Fazia uma análise do trabalho realizado no ano anterior, e me assustei, ao notar que meus pensamentos insistiam em me reconduzir aos erros, falhas e situações em que a inexperiência falou mais alto.

Tenho sob minha responsabilidade um distrito de Missão Global, com 15 igrejas e grupos. São congregações novas, cujos líderes necessitam de maior capacitação e experiência. Foi pensando nisso que, por alguns momentos, me deixei envolver pelas dificuldades encontradas no trabalho. Confesso que o peso desses pensamentos me trouxe certo grau de desânimo. Logo, me vi confrontado com as perguntas: Será que sou capaz? Conseguirei liderar adequadamente estas congregações? Acaso, estou fazendo alguma diferença? Como vencer as dificuldades em um distrito tão desafiador?

Perdido nesses pensamentos, senti o Espírito Santo me convidando a meditar na vida do profeta Elias, na ocasião em que, perseguido por Jezabel, ele também se sentiu sozinho. Senti a presença de Deus, procurando me salvar de mim mesmo, dos meus próprios pensamentos. Nessa noite, aprendi três preciosas lições as quais levarei comigo até o fim da minha vida.

DEUS É O SENHOR DA MISSÃO

Embora Deus partilhe com o ser humano o privilégio de cumprir a missão, não o deixa atuar sozinho. Quando absorvi essa verdade, meus temores foram dissipados. Senti que Deus estava me convidando a tirar os olhos de mim mesmo, deixar de me preocupar quanto a ser ou não capaz, se faço ou não alguma diferença. Aprendi que “aqueles a quem Deus emprega como Seus mensageiros não devem sentir que a obra do Senhor depende deles. Seres finitos não são deixados a levar este fardo de responsabilidade. Aquele que não dormita, que está continuamente atento a Sua obra para a realização de Seus desígnios, promoverá Seu trabalho.” – *Profetas e Reis*, pág. 176.

Naquele momento, lembrei-me de que não sou diretor nem gerente de uma empresa terrestre. Sou um servo escolhido para empregar os talentos pessoais, o ser inteiro, e para orientar o emprego dos talentos da igreja, em favor de uma causa triunfante.

CELEBRAÇÃO DAS VITÓRIAS

Depressivo em seu esconderijo, Elias foi alcançado por

Deus: “Que fazes aqui, Elias? Ele respondeu: Tenho sido em extremo zeloso pelo Senhor, Deus dos Exércitos, porque os filhos de Israel deixaram a Tua aliança, derribaram os Teus altares, e mataram os Teus profetas à espada; e eu fiquei só, e procurem tirar-me a vida” (I Reis 19:13 e 14). Porém, o Senhor tratou de redirecionar sua visão para as possibilidades de vitória: “Também conservei em Israel sete mil, todos os joelhos que não se dobraram a Baal, e toda boca que o não beijou” (v. 18).

Enquanto eu refletia, naquela noite, o inimigo colocava diante de mim imagens negativas de falhas e desafios aparentemente frustrados. Mas o Senhor me fez ver as vitórias. Foi então que vi a cidade de Tabira. No início do ano, a presença adventista nessa cidade se limitava a duas pessoas. Porém, agora, já havia uma igreja bem estabelecida, unida e com clara visão missionária. Vi também um jovem que, motivado por ocasião de um seminário de treinamento, se dispôs a iniciar uma classe bíblica na zona rural e todo fim de semana viaja dez quilômetros, de bicicleta, a fim de ministrar estudos bíblicos.

Muitos outros quadros foram passando em minha mente, mostrando o amor de um Deus que partilha e celebra Suas vitórias com Seus servos.

ACREDITAR NAS PESSOAS

No trajeto da tristeza para a alegria, li as seguintes palavras: “Disse-lhe o Senhor: Vai, volta ao teu caminho para o deserto de Damasco e, em chegando lá, unge a Hazael rei sobre a Síria. A Jeú, filho de Ninsi, unguirás rei sobre Israel, e também Eliseu, filho de Safate, de Abel-Meolá, unguirás profeta em teu lugar” (I Reis 19:15 e 16). Deus apresentava um dos Seus métodos para enfrentar crises: acreditar e investir nas pessoas.

Pude ouvir-Lhe dizendo: Se você motivar a igreja, treiná-la, capacitá-la, delegar tarefas e ainda assim o trabalho não fluir como você esperava, não descredite das pessoas. Treine, capacite, motive e inspire novamente. Se todas as tentativas fracassarem, corra aos Meus braços; Eu renovarei suas forças.

Pude, então, dormir tendo o coração repleto de esperança. Já não me sentia sozinho. Jesus estava no Seu devido lugar em meu ministério. Eu, com minhas virtudes e defeitos, meus pontos altos e baixos, estava decidido a assumir o lugar certo no pastorado: viver e trabalhar na dependência dEle – o Deus que nos conhece profundamente, e nos dá o privilégio de lutar pela causa que não conhece derrotas. ❁

PRINCÍPIOS DE CRESCIMENTO



Emilio Abdala Dutra

Professor no seminário teológico da Faculdade Adventista da Bahia

*Orientações
inspiradas
para fazer a
igreja crescer
em número e
espiritualidade*

Desde o início do movimento de crescimento de igreja, em 1955, com a publicação do livro *The Bridges of God*, de Donald McGavran, muito se tem escrito sobre o tema e as razões por que uma igreja cresce. Embora o movimento tenha feito contribuições significativas à missão cristã, a maior parte de sua literatura está fundamentada em observações de igrejas que crescem rapidamente. Estudos de casos têm sido colecionados, e métodos apresentados como princípios ou leis de crescimento. Porém, muito desse crescimento pode estar ligado a aspectos culturais ou simplesmente ao carisma da liderança. Pode derivar da amizade dos membros ou da receptividade da área onde a igreja está localizada. Deveríamos levar em consideração que grande crescimento numérico de tais igrejas não corresponde a mudança de estilo de vida.

Se quisermos descartar prescrições humanas para o sucesso e adotar princípios universais de crescimento, relevantes para todas as igrejas, devemos considerar os princípios duradouros que Deus tem dado, sobre os quais devemos fundamentar o crescimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Neste artigo, pretendemos refletir sobre esse princípios, segundo os escritos de Ellen G. White.

VISÃO

Fé e oração ligadas à habilidade para comunicar uma visão formam o princípio mais importante a ser empregado no crescimento de igreja. O maior impedimento a esse crescimento é a falta de fé da liderança, traduzida em evasivas tais como: “isso não funciona aqui”, ou, “este campo é muito difícil”. Tal atitude, nunca produzirá transformações significativas em nossa vida e ministério. Esse princípio foi bem estabelecido por Guilherme Carey, numa reunião de pastores, em 1792: “Esperem grandes coisas de Deus; façam grandes coisas para Deus”.¹

Talvez, Ellen White tivesse em mente esse conceito, ao aconselhar o presidente da Associação Geral, G. I. Butler, a estabelecer alvos elevados: “Devemos esperar grandes coisas do Senhor... Estabeleçamos metas elevadas... Devemos alcançar mais alto. Não limitemos o Onipotente... esperemos grandes coisas.”²

De acordo com ela, nunca podemos ir além daquilo que sonhamos. Estar satisfeitos com a pequenez não apenas revela falta de visão, mas também de fé. Por isso, ela aconselha os líderes a “abandonar a visão acanhada e fazer planos mais amplos”.³ Ao comentar o trabalho da igreja, realizado em Orebo e Copenhague, ela disse: “Mas eles não esperam muito, portanto, não recebem muito... Assim, por sua falta de fé, nossos obreiros às vezes dificultam o trabalho para si mesmos.”⁴

A falta de fé torna o trabalho quase impossível. “Muitos dos que são classificados para fazer um trabalho excelente obtêm pouco porque pouco empreendem. ... Não vos contenteis em atingirmos um ideal baixo.”⁵ No crescimento de igreja, fé envolve es-



Carlos Sestini

tabelecer alvos realísticos em termos de coisas esperadas e coisas invisíveis. Ou, como diz Edward Dayton, “todo alvo é uma declaração de fé”.⁶ Não ter alvos é uma situação confortável, porque sem alvos é impossível fracassar. Para muitos líderes, seus alvos são qualquer coisa que eles fazem acontecer no tempo. Peter Wagner os compara ao atirador que atira uma bala na parede, e então faz um círculo ao redor da marca.⁷

A visão de crescimento é também uma aventura de fé; e isso é fundamental para disseminar o evangelho. David Livingstone aventurou-se a levar Cristo à África. Guilherme Carey deixou a sapataria e foi pregar na Índia. Muitos tentaram desencorajá-los, mas eles se lançaram à tarefa, crendo que ela poderia e deveria ser feita. Grandes investimentos produzem grandes lucros. Correr riscos é parte do exercício da fé. Na parábola dos talentos, o mordomo que enterrou o talento não tinha alvo, exceto evitar o fracasso. Não investiu, porque temeu (Mat. 25:25). *

Ellen White reconhece a importância da fé que espera grandes coisas de Deus: “Deus deseja homens que arrisquem qualquer coisa e todas as coisas para salvar almas. Os que não avançam sem ver com clareza diante de si cada passo da estrada, não serão os homens indicados neste tempo para fazer avançar a verdade de Deus. ... Deus exige homens de fibra, esperança, fé e perseverança para trabalharem sem rodeios.”⁸ Essa declaração é parte de um artigo sobre investimentos financeiros. O trabalho deve ser apoiado financeiramente, mesmo com o risco de que um investimento específico não produza retorno imediato em termos de conversões.

Fé, estabelecimento de alvos elevados e a expectativa de receber grandes coisas de Deus andam de mãos dadas. Se um pastor não consegue ter certeza daquilo que não vê, e não visualiza pela fé o que Deus pode realizar, deve buscar essa experiência através da oração (II Reis 6:17).

ORAÇÃO

Para Ellen White, a oração é outro grande componente do crescimento da igreja. Ela aconselhou a se fazer reuniões de oração em favor da penetração da verdade em lugares resistentes. Assim, o Espírito Santo trabalhará

para convencer e converter.⁹ Quando a igreja de Los Angeles realizava reuniões evangelísticas, em 1906, ela incentivou os irmãos a apoiarem o trabalho com seus recursos e a orar pelo êxito da campanha: “Tenha a igreja em Los Angeles reuniões especiais de oração, diariamente, em favor do trabalho que está sendo feito. A bênção do Senhor virá sobre os membros da Igreja que assim tomarem parte na obra, reunindo-se em pequenos grupos, cada dia, para orarem pelo seu êxito. Desta sorte ... a obra do Senhor progredirá.”¹⁰

Os pastores devem gastar mais tempo em comunhão com Deus, se desejam que seus esforços sejam frutíferos. Eles são aconselhados a não confiar na correria. Na obra de aproximar homens e mulheres de Jesus, deve haver mais fervorosas orações. Oração e fé são princípios fundamentais no crescimento de igreja.

A visão de crescimento é uma aventura de fé. E é fundamental para disseminar o evangelho

LIDERANÇA EFETIVA

Peter Wagner diz que o primeiro sinal vital de um crescimento eclesial saudável é “um pastor que seja potencialmente um pensador e cuja liderança dinâmica seja catalizadora de toda a igreja para o crescimento”.¹¹ Quando o pastor não tem visão, mostrando pouca ou nenhuma preocupação evangelística, ele se torna um obstáculo.

A primeira qualidade dos líderes efetivos é sua fidelidade em seguir o modelo divino, ou seja, o “aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Efés. 4:12). Todo líder deveria considerar o conselho que Jetro deu a Moisés para que selecionasse e capacitasse auxiliares (Êxo. 18:13-26). Assim, sua tarefa primária era treinar e equipar indivíduos, mul-

tiplicando a eficácia de seu ministério.¹² “Dedique o pastor mais tempo para educar do que para pregar. Ensine o povo a maneira de transmitir a outros o conhecimento que receberam”,¹³ diz Ellen White, acrescentando que “ao trabalhar em lugares onde já se encontram alguns na fé, o pastor deve não tanto buscar, a princípio, converter os incrédulos, como exercitar os membros da igreja para prestar cooperação proveitosa”.¹⁴

Outra qualidade do líder efetivo é a coerência de sua vida com a luz que lhe foi dada. Se isso não acontecer, Deus não abençoará a tentativa de conduzir pessoas à verdade. Dessa forma, o líder se revela incapaz de conduzir o recém-converso na busca de semelhança com Cristo.

Humildade é outra virtude que o líder deve possuir. Ele precisa colocar o eu fora de foco, escondendo-se atrás de Jesus. O êxito missionário não é dado àqueles que se vêem como os maiores obreiros, mas aos que fazem o melhor com o que possuem e avançam sob o poder de Deus.

Finalmente, mencionamos a habilidade do líder para mostrar o caráter de Cristo em seu próprio lar. É aí que uma pessoa é vista sem máscaras, com o seu melhor e o seu pior. Seu verdadeiro caráter é visto no trato com os filhos e o cônjuge. Se o líder exemplificar Cristo no lar, fará o mesmo na igreja. E “o Senhor lhe poderá confiar o cuidado das pessoas”.¹⁵

DONS ESPIRITUAIS

Todos os estudos sobre crescimento de igreja confirmam um princípio básico do Novo Testamento: as igrejas crescem quando mobilizam seus membros para o serviço, no contexto do “sacerdócio real” de todos os crentes. Tão logo Paulo estabelecia uma congregação, escolhia anciãos para liderá-la e a deixava. A igreja prosperava, não apesar da ausência do apóstolo, mas talvez por causa disso.¹⁶ Os crentes eram forçados a exercer seu ministério na congregação.

Peter Wagner argumenta que o segundo sinal vital de um saudável crescimento de igreja é uma força voluntária bem mobilizada. Porém, essa mobilização deve ser considerada à luz dos dons espirituais. Depois que cada membro tenha descoberto seu dom, esse deve ser desenvolvido e colocado em ação através de estruturas e canais apropriados.

O conceito de Ellen White sobre a igreja é análogo ao da colmeia. Cada abelha tem um dever a cumprir. Se isso não ocorre, o trabalho é prejudicado no seu todo. Em 10/11/1900, ela visitou a igreja de San Francisco e achou-a com sua capacidade esgotada. Olhando o povo, identificou-o como o cumprimento de uma visão tida em 1876, na qual as atividades de novas igrejas em San Francisco e Oakland foram representadas como duas colmeias. Sobre isso, ela escreveu:

“Durante os últimos poucos anos a ‘colmeia’ em São Francisco tem sido sem dúvida uma colmeia muito ocupada. Muitos setores do trabalho cristão têm sido desenvolvidos por nossos irmãos e irmãs. Neles se incluem a visitação aos enfermos e desamparados, ... o ensinamento da verdade de casa em casa, distribuição de literatura e a promoção de classes sobre vida saudável e o cuidado dos enfermos. Uma escola para crianças ... Ao longo do ancoradouro realizava-se trabalho missionário a bordo. Em várias oportunidades nossos pastores dirigiram reuniões em grandes salões na cidade. Assim a mensagem de advertência foi dada a muitos.”¹⁸

Ainda de acordo com ela, a maior causa de fraqueza espiritual entre os membros da igreja é “a falta de fé nos dons espirituais”. Do contrário, a igreja seria mais forte e “três quartos do esforço ministerial agora empregado para ajudar igrejas estabelecidas seriam investidos na penetração em novos campos”.¹⁹

Valendo-se de outras analogias, como as diferentes partes de um edifício e de um jardim com flores variadas, ela também destaca a importância de combinar diferentes dons para o êxito da missão.²⁰ A fim de evitar complexo de culpa e sentimentos depressivos, em pessoas que são mobilizadas a fazer apenas um tipo de trabalho sem o sucesso esperado, são sugeridos outros meios de trabalhar para Deus: “Alguns podem escrever uma carta... Outros podem dar conselhos aos que estão em dificuldades... Outros, que têm as habilitações necessárias, podem dar estudos bíblicos ou dirigir classes bíblicas.”²¹

O crente envolvido na missão crescerá em fé e maturidade espiritual.

EVANGELIZAÇÃO

Em anos recentes, denominações que parecem enfatizar um testemunho

mais agressivo têm crescido, enquanto grupos que negligenciam esse modelo de atividade têm declinado. Napoleão disse que todo exército que fica entrincheirado em si mesmo será vencido. Portanto, a igreja deve ser agressiva, ou morrerá.

As campanhas públicas continuam a ser um elemento-chave para a conquista de metrópoles. E uma estratégia que priorize o envolvimento dos membros da igreja, na preparação do campo e na assimilação dos novos crentes, não apenas funcionará como mecanismo de colheita, mas possibilitará o primeiro contato com muitos corações sinceros.

“Devemos esforçar-nos para reunir grandes congregações que ouçam as palavras do ministro do evangelho. ... Os pastores designados por Deus não de achar necessário envidar esforços extraordinários para atrair a atenção das multidões. E quando conseguem reunir grande número de pessoas, têm de apresentar mensagens de caráter tão fora da ordem comum que o povo fique despertado e advertido.”²² Porém, “não nos esqueçamos de que diferentes métodos devem ser empregados para salvar diferentes pessoas”.²³

Um método evangelístico bastante enfatizado nos escritos de Ellen White é a união da pregação pública com o trabalho pessoal. Em 1874, ela escreveu ao irmão Butler, a propósito de uma campanha evangelística realizada em San Francisco: “Não esqueça que o trabalho do púlpito deve ser seguido por esforço pessoal... Maior sucesso têm aqueles que se aproximam das pessoas com as quais trabalham, ganham sua simpatia e confiança, visitam nos lares os interessados e oram com eles e por eles. É esse esforço, esse trabalho no lar, que é marcado com sucesso.”²⁴

Como resultado da apresentação da verdade a grandes audiências, o espírito inquiridor é despertado; e é muito importante que esse interesse seja seguido por trabalho pessoal.

Outro modo de abordagem evangelística é o atendimento das necessidades pessoais. Como adventistas do sétimo dia, temos muito a dizer à sociedade em termos de saúde, vida familiar e outros aspectos da vida. A mensagem de saúde deve ser considerada um princípio de crescimento, porque é uma particularidade adventista. Ela é o “braço direito do evangelho”. Ao trabalhar em favor do bem-estar das

pessoas, como Cristo fez, o evangelista ganha o coração delas, podendo então atender suas necessidades espirituais.

Um problema enfrentado na evangelização é a tendência de se enfatizar demasiadamente o processo de atrair visitantes, dando-se pouca ênfase ao que acontece depois que uma pessoa se converte. Entretanto, o processo evangelístico não finda com o batismo do novo crente. A partir daí, ele precisa ser integrado e treinado para ser um discípulo.²⁵



PLANTAR IGREJAS

Segundo Peter Wagner, “a única metodologia evangelística efetiva é a de plantar novas igrejas”.²⁶ E há grande apoio bíblico para isso, particularmente no livro de Atos, que iguala a multiplicação de novos convertidos com a adição de novas congregações (Atos 16:5; 9:31). Também ensina que o cristianismo é uma religião baseada em relacionamentos, e que novos crentes devem ser reunidos em comunhão (Atos 2:41-47).

Portanto, toda igreja deve possuir uma estrutura que providencie comunhão adequada para os que a ela se unem. Virgil Gerber conclui que “o alvo final no Novo Testamento é formar cristãos e congregações responsáveis e reprodutores”.²⁷

Durante seu ministério, a Sra. White aconselhou a igreja a desenvolver uma estratégia missionária que colocasse o adventismo em toda vila e cidade. “Novas igrejas devem ser estabelecidas e novas congregações organizadas. Nesta época deve haver representantes da verdade presente em cada cidade e nas mais remotas partes da Terra,”²⁸ “Em todos os países e cidades o evangelho deve ser proclamado. ... Igrejas devem ser organizadas e planos formulados para o trabalho que se realizará pelos membros das recém-organizadas igrejas.”²⁹

A visão da Sra. White para o adventismo focalizava a necessidade de plantar igrejas. Ela aconselhou que

fosse evitada a formação de aglomerações e se trabalhasse na direção de plantar pequenas igrejas através do mundo. Primeiramente, porque isso produziria renovação espiritual nos crentes. Muitos estavam ficando ineficientes, mas se tornariam espiritualmente fortes, ao empregar seus talentos em novos lugares.³⁰ Em segundo lugar, tal envolvimento cultivaria o espírito missionário e erradicaria o egoísmo das igrejas maiores. “As sementes da verdade precisam ser semeadas em centros que não foram trabalhados. ... Desenvolve um espírito missionário a obra em novas localidades. O egoísmo de manter grandes grupos reunidos não é o plano do Senhor. Entrai em cada novo lugar que seja possível, e começai a obra de instruir nas vizinhanças os que ainda não ouviram a verdade.”³¹

FATORES CONDICIONAIS

Uma vez empregados em harmonia com determinadas condições, esses princípios levarão a igreja ao crescimento espiritual e numérico. A primeira dessas condições é a existência de amor na igreja e sua liderança. Disse Jesus: “Nisto conhecerão que sois Meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros” (João 13:35). Um exemplo de amorosa fraternidade que existia na igreja primitiva é encontrado em Atos 2:42: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações.”

A Sra. White também estabelece que o sucesso missionário depende de nosso amor a Deus e aos semelhantes. Ao lado da ação harmoniosa, esse amor fortalecerá o trabalho pela salvação dos perdidos. Diz ela: “O mais forte argumento em favor do evangelho é um cristão afetuoso e amável.”³²

“O Senhor quer que os homens se esqueçam a si mesmos no esforço de salvar almas. Nossa vida é pior que um fracasso se por ela passamos sem deixar pelo caminho os marcos do amor e da compaixão. Deus não coopera com um homem áspero, obstinado, destituído de amor. Um homem assim estraga o modelo que Cristo deseja que Seus obreiros revelem ao mundo. Os obreiros de Deus, seja qual for o ramo de serviço em que se achem empenhados, devem pôr em seus esforços a bondade, a beneficência e o amor de Cristo.”³³

Outra condição-chave é a unidade dos crentes, enfatizada em muitos ser-

mões e escritos de Ellen White. Em 1889, interrogada sobre a razão de haver tão pouco poder e eficiência nas igrejas, ela respondeu: infidelidade. A primeira coisa em que a igreja deve ser fiel é seu dever de levar outros a Cristo. Na opinião de Wagner, todo crente deve almejar o crescimento da igreja e pagar o preço. Quando o povo se retrai e deixa o peso da obra com os pastores, os esforços destes são quase impotentes.

A segunda área da fidelidade da igreja é na experiência de uma vida piedosa. Quando isso não ocorre, o trabalho divino é dificultado. “O Senhor não opera agora para trazer muitas pessoas para a verdade, por causa dos membros da igreja que nunca foram convertidos, e dos que, uma vez convertidos, voltaram atrás. Que influência teriam esses membros não consagrados sobre os novos conversos? Não tornariam sem efeito a mensagem dada por Deus, a qual Seu povo deve apresentar?”³⁴

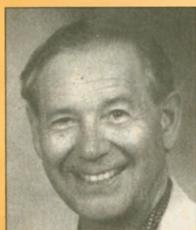
Todos os princípios aqui resumidos são vitais para o êxito da missão, nestes dias que antecedem a volta de Cristo. Que eles nos ajudem a apressar esse glorioso evento. **M**

Referências:

- 1 George Smith, *The Life of William Carey* (Edimburgo: R.&R. Clark, 1887), pág. 45.
- 2 Ellen G. White, *Manuscript* 7:36-38.
- 3 _____, *Evangelismo*, pág. 46.
- 4 *Historical Sketches of the Foreign Missions of the Seventh-day Adventists* (Basile: Imprimic Polyglotte, 1886).
- 5 Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, pág. 498.
- 6 C. Peter Wagner, *Your Church Can Grow* (Glendale, CA: Regal Book Division), pág. 47.
- 7 *Ibidem*, pág. 52.
- 8 Ellen G. White, *Evangelismo*, pág. 63.
- 9 _____, *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 6, pág. 80.
- 10 _____, *Evangelismo*, págs. 111 e 112.
- 11 C. Peter Wagner, *Leading Your Church to Growth* (Ventura, CA: Regal Books, 1984), pág. 35.
- 12 Kent R. Hunter, *Foundations for Church Growth* (Indiana, IL: Zondervan Bible Publishers, 1984), pág. 204.
- 13 Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 7, pág. 20.
- 14 _____, *Obreiros Evangélicos*, pág. 196.
- 15 _____, *Manuscript* (1889), pág. 995.
- 16 Kent R. Hunter, *Op. Cit.*, pág. 74.
- 17 C. Peter Wagner, *Your Church Can Grow*, pág. 69.
- 18 Ellen G. White, *Beneficência Social*, pág. 112.
- 19 _____, *Review and Herald*, 14/01/1868.
- 20 _____, *Evangelismo*, págs. 98-104.
- 21 _____, *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 6, pág. 433.
- 22 _____, *Evangelismo*, págs. 119 e 122.
- 23 Ellen G. White, *Evangelismo*, pág. 106.
- 24 _____, *Carta*.
- 25 _____, *Evangelismo*, págs. 335 e 337.

- 26 C. Peter Wagner, *Church Planting for a Greater Harvest* (Ventura, CA: Regal Books, 1990), pág. 11.
- 27 Vergil Gerber, *A Manual for Evangelism/Church Growth* (South Pasadena, CA: Eilliam Carey Library, 1973), pág. 18.
- 28 Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 6, pág. 24.
- 29 _____, *Evangelismo*, pág. 19.
- 30 _____, *Testimonies For the Church*, vol. 8, pág. 244.
- 31 _____, *Evangelismo*, pág. 47.
- 32 Ellen G. White, *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, pág. 100.
- 33 _____, *Evangelismo*, pág. 629.
- 34 *Ibidem*, pág. 19.

EXPLORANDO O APOCALIPSE

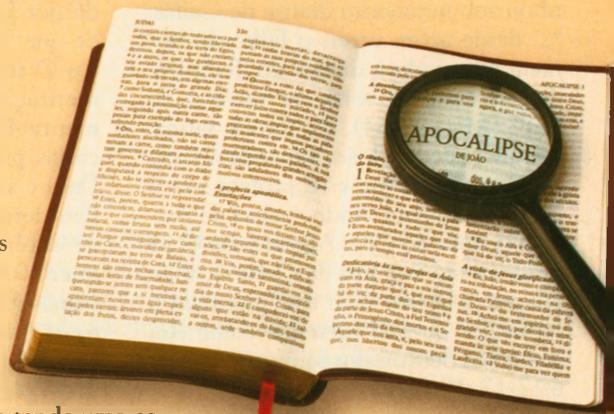


Hans K. LaRondelle

Professor emérito do Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

“Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas...”

Ao descrever Jesus como “semelhante a Filho de homem” (Apoc. 1:13), ministrando como nosso Sacerdote no Céu, e, ao descrevê-Lo posteriormente como tendo uma coroa de ouro e uma foice na mão, como o divino Rei-Juiz (Apoc. 14:14-20; 19:11-15), João distingue dois ofícios do “Filho do homem” celestial: Seu ministério sacerdotal de intercessão em favor da igreja e a conclusão de Sua obra como Juiz de todos os homens, na segunda vinda. Essa aplicação dupla da expressão “Filho do homem”, usada por Daniel, à obra de Cristo como Sacerdote e Juiz une as cartas e as visões apocalípticas.



Como vimos no artigo publicado na edição anterior, João foi orientado a enviar todo o Apocalipse, as sete cartas junto com as visões, às igrejas que em sua condição espiritual representam a igreja universal. Cada carta contém o conselho pastoral de Jesus para que a igreja conserve o que tem, até que Ele venha, até o fim (Apoc. 2:10, 11, 13, 25 e 26;3:11). O próprio João testifica que foi banido a Patmos “por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus” (Apoc. 1:9).

Recentes estudos mostram que as duas seções do Apocalipse iluminam-se e interpretam-se mutuamente. “Uma comparação das cartas às sete igrejas (Apoc. 2:1-3:22) e a visão da Nova Jerusalém (Apoc. 21:1-22:5) demonstra que os elos entre as duas passagens são muitos. ... O que as cartas prometeram aos membros das igrejas é cumprido nos cidadãos da Nova Jerusalém.”¹

Junto com isso, Beale observa que as sete cartas estão relacionadas integralmente ao corpo visionário do livro: “As promessas das cartas antecipam o fim do livro e a visão final do paraíso.”² Isso significa que as visões simbólicas dos capítulos 4-22 funcionam como descrições interpretativas das advertências e promessas contidas nas cartas.

Essa correlação substancial entre as cartas e as visões demonstra que o evangelho apostólico permanece do início ao fim como teste imutável para o período da igreja. A última geração está explicitamente comissionada a reviver o “evangelho eterno” como a última mensagem de advertência ao mundo (Apoc. 14:6 e 7: 18:1). Essa mesma geração do povo de Deus deve expressar sua lealdade ao evangelho apostólico, justamente como a primeira geração de cristãos fez como fiel testemunha de Cristo e Sua Palavra.

O “FILHO DO HOMEM” E O JUÍZO

O prólogo do Apocalipse de João é concluído com o tema culminante do seu livro: “Eis que vem com as nuvens, e todo olho O verá, até quantos O traspassaram. E todas as tribos da Terra se lamentarão sobre Ele” (Apoc. 1:7). Aqui, João alude, evi-

dentemente, à visão do julgamento relatada em Daniel 7, na qual o profeta viu “com as nuvens do céu, um como o Filho do homem, e dirigiu-Se ao Ancião de dias”, no tribunal celestial, onde recebeu autoridade para executar o julgamento final da humanidade (Dan. 7:13, 14 e 27).

Apocalipse 1:7 coloca o cumprimento dessa visão na segunda vinda de Jesus. Essa identificação de Cristo com a figura mencionada por Daniel já foi introduzida por Ele durante Seu ministério terrestre, quando testemunhou sob juramento diante de Caifás: “... desde agora vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu” (Mat. 26:64). A futura vinda, mencionada por João, expande a visão de Daniel, porque esse profeta viu o Filho do homem vindo apenas ao Ancião de dias no Céu. Agora, João O vê vindo como Rei-Juiz da Terra, ocasião em que todo ser vivo testemunhará o esplendor de Sua presença como Rei dos reis e Senhor dos senhores (Apoc. 6:12-17; 19:11-21).

João repete esse cumprimento de Daniel 7, ao descrever: “Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante a Filho de homem, tendo na cabeça uma coroa de ouro, e na mão uma foice afiada” (Apoc. 14:14). Essa visão pinta vividamente o retorno de Cristo como Rei e Juiz, ostentando a coroa e empunhando a foice, para ajuntar “os cachos da videira da Terra” (v. 18).

A menção de uma “foice afiada” parece ser uma referência à visão na qual Joel descreveu o julgamento do mundo, por Jeová, no vale de Josafá: “Lançai a foice, porque está madura a seara; vinde, pisai, porque o lagar está cheio, os seus compartimentos transbordam; porquanto a sua malícia é grande” (Joel 3:13).

Essa criativa combinação de diferentes visões do julgamento no Antigo Testamento, em uma nova consumação centralizada em Cristo, ilustra a abordagem interpretativa de João. Ele dá às visões de Daniel e Joel um cumprimento que exalta Cristo à glória divina e redefine o teste da verdade como fé em Jesus, na qualidade do Messias enviado por Deus, e obediência ao Seu testemunho (Apoc. 1:2, 3, 9; 12:17; 14:12; 20:4). Desse modo, João reformula as profecias de julgamento de Israel, pelo significado de seu princípio cristológico.

INTERPRETAÇÃO UNIVERSAL

Por seis vezes, João diz que a colheita final será uma colheita da Terra (Apoc. 14:14-19), ensinando, assim, um cumprimento universal dos quadros nacional e palestino no Antigo Testamento. Apocalipse 14:14-20 é a narração do exemplo da extensão mundial do julgamento de Deus, por causa do testemunho do evangelho dado pela igreja fiel (Mat. 24:14; Apoc. 14:6 e 7; 18:1).

Outro exemplo da chave interpretativa evangélica do Apocalipse, usada por João, é sua referência ao fato de que “todo olho O verá, até quantos O traspassaram”, junto com a lamentação universal. Aproximadamente 400 anos antes de Cristo, Zacarias predissera: “E sobre a casa de Davi e sobre os habitantes da Jerusalém derramarei o espírito da graça e de súplicas; olharão para Aquele a quem traspassaram; pranteá-Lo-ão como quem pranteia por um unigênito, e chorarão por Ele como se chora amargamente pelo primogênito. ... A Terra pranteará, cada família à parte” (Zac. 12:10 e 12).

Zacarias anunciou um evento que abalaria o futuro de Jerusalém: ela rejeitaria e “traspassaria” o Messias, e depois prantearia “como quem pranteia por um unigênito”. João alude a essa predição messiânica: “todo olho O verá, ... e todas as tribos da Terra se lamentarão sobre Ele”. Ou seja, o vidente de Patmos amplia o significado da profecia de Zacarias a uma extensão mundial. A rejeição do Messias e a conseqüente lamentação já não se limitam aos israelitas mas a todas as nações. Ele amplia o tradicional conceito de Israel.

A universalização sistemática de João quanto às promessas do concerto de Israel ensina um princípio de interpretação profética geralmente passado por alto. O apóstolo descobre que a consumação apocalíptica não será centralizada em Israel, mas em Cristo; não será centralizada na Palestina, mas no mundo em sua extensão para a Igreja de Jesus Cristo. O próprio Jesus confirma que Sua igreja é o verdadeiro Israel de Deus: “os sete candeeiros são as sete igrejas” (Apoc. 1:20). O Israel literal, chamado para ser a luz do mundo, é agora ampliado para o Israel crente em Cristo, a Igreja cristã, o povo messiânico de Deus. Eles são chama-

dos para testemunhar da luz salvadora do Seu evangelho “a todas as nações” (Mat. 24:14).

O propósito dos símbolos hebraicos no Apocalipse cristão é assegurar à igreja sua continuidade com o chamado de Israel (Isa. 49:6), de modo que o eterno plano de Deus para a humanidade seja gloriosamente cumprido. Cristo é a garantia dos concertos de Deus com Israel (Heb. 7:22).

CHAVES COMPLEMENTARES

Em suma, o Apocalipse afirma duas chaves indissolúveis para compreensão de suas descrições simbólicas: 1) Os símbolos recebem seu significado teológico da Bíblia hebraica (Antigo Testamento) e da história de salvação de Israel; 2) os termos e imagens hebraicos dessas Escrituras e o Israel literal recebem cumprimento cristológico, eclesiológico e universal, através do evangelho apostólico.

Alguns intérpretes aplicam somente a primeira chave, isto é, compreendem o uso que João faz das figuras e terminologia hebraica, mas literalizam as descrições étnicas e geográficas, aplicando-as ao povo judeu e seus inimigos nacionais no Oriente Médio de nosso tempo. Esse “literalismo absoluto” na interpretação profética é defendido pelos dispensacionalistas e foi popularizado na *Nova Bíblia Referência de Scofield* (1967).

Outros aplicam somente a chave evangélica e ignoram a raiz contextual de Daniel bem como a descrição de João das “coisas que em breve devem acontecer”.³ Tais interpretações extremistas nos impõem a necessidade de uma chave compreensiva que una os dois Testamentos de uma forma indivisível. João tem adicionado uma chave resumida, como salvaguarda contra qualquer interpretação unilateral. Tudo o que ele viu foi resumido nesta significativa frase: “a Palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo” (Apoc. 1:2). ◉

Referências:

- ¹ Roberto Badenas, “New Jerusalem: The Holy City”, em *Symposium on Revelation*, book 2. *Daniel and Revelation Committee Series*, vol. 7. F. B. Holbrook, ed. (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1992), págs. 264 e 265.
- ² Gregory K. Beale, *John's Use of the Old Testament in Revelation*, JSNT Suppl. Ser., 1998, pág. 299.
- ³ Ver, por exemplo, G. Goldsworthy, *The Lamb and the Lion* (Nashville, Tenn: Thomas Nelson Publishing, 1984), págs. 146 e 147.

O PASTOR E SEU DINHEIRO



Antonio O. Tostes

Diretor administrativo
da Casa Publicadora
Brasileira

*Saber
gastar
é mais
importante
do que saber
ganhar*

Um dos fatores decisivos para o êxito de um pastor é a estabilidade financeira. Vivemos numa sociedade com graves problemas econômicos e isso tem afetado negativamente a situação financeira das famílias. As dificuldades financeiras fazem aumentar a inadimplência. Conseqüentemente, o crédito pessoal, os serviços e produtos ficam mais caros, reduzindo assim a qualidade de vida da população em geral.

Já está provado que a instabilidade financeira afeta outras áreas da vida, tais como as relações interpessoais, seja com os membros da família, seja com os de fora, e também atinge a saúde, a produtividade no trabalho, contribuindo para o aumento dos riscos de acidentes, causando prejuízos aos empregadores e aos cofres públicos. Por isso, existe até uma proposta do Ministério da Educação, no sentido de incluir no Ensino Médio uma matéria sobre finanças domésticas. O objetivo é preparar os jovens para enfrentar o desafio de ter uma vida financeira equilibrada numa sociedade tão competitiva.

Como pastores, não estamos livres de experimentar problemas financeiros. Essa é a razão pela qual precisamos cuidar atentamente de todos os requisitos necessários a uma vida financeira estável, produtora de segurança e relativa tranqüilidade material, resultando sobretudo na glória de Deus, felicidade dos familiares e manutenção da Igreja.

PERIGO NO CAMINHO

Antes de apresentarmos os passos rumo à estabilidade financeira, precisamos advertir contra uma das enfermidades do mundo pós-moderno, que tem atingido muitas famílias. Trata-se do consumismo. Somos uma sociedade capitalista e industrial amplamente desenvolvida. A cada dia, surgem novos produtos divulgados de forma atraente pela mídia, através de campanhas publicitárias caríssimas, a fim de atrair pessoas ao consumo. A grande maioria desses produtos é desnecessária e supérflua, nociva à saúde, e muitos deles não condizem com os princípios estabelecidos por Deus para a vida de Seus filhos.

Uma das provas de que as estratégias de *marketing* têm dado certo em estimular o consumo é o alto índice de inadimplência entre a população. Quando observamos a lista de inadimplentes, ali encontramos, em sua maioria, pessoas empregadas, com um salário razoável, mas que foram contaminadas pelo consumismo. A propósito, é bom lembrar que um consumista não é identificado pelo número de contas bancárias e cartões de crédito que possui, mas por seu "espírito materialista", por suas prioridades materiais. Nesse sentido, um pobre pode ser mais consumista que um rico.

Precisamos avaliar se não fomos contaminados por esse mal e se temos controle absoluto sobre nossas contas. O primeiro passo para resolver a situação é reconhecê-la e ter humildade para aceitar fazer as mudanças necessárias. A vida é um constante aprendizado; e no âmbito financeiro não é diferente.

A palavra-chave para o sucesso das finanças domésticas é compartilhar. Quem compartilha colabora. O princípio é simples e se resume no fato de que quem ajuda

a ganhar tem o direito de ajudar a gastar, e quem ajuda a gastar tem o dever de ajudar a ganhar. Se não puder ajudar a ganhar, deve ajudar a economizar. Uma criança pode contribuir para o equilíbrio financeiro ajudando a economizar. Contudo, para que isso aconteça, os filhos têm de participar, conhecendo os limites. Assim, entenderão quando os pais disserem “não” para alguns de seus pedidos, sem se sentirem menosprezados e diminuídos.

Mesmo que um dos cônjuges tenha mais habilidade para lidar com o dinheiro, isso não lhe dá o direito de ser “senhor do assunto”, ou gastar como lhe aprouver. Pastor e esposa devem trabalhar juntos para alcançar a estabilidade financeira. A esposa deve conhecer todas as receitas e despesas do esposo, no exercício do seu ministério e na manutenção da família.

PLANEJAMENTO

O primeiro passo para a consecução da estabilidade financeira é o planejamento. É aqui que são estabelecidas as estratégias de ação em busca dos objetivos de uma empresa de grande ou pequeno porte. Na vida pessoal não é diferente. Temos que administrá-la como uma pequena empresa; por conseguinte, necessitamos de planejamento. Esse planejamento pode ser dividido em três partes: curto, médio e longo prazo. A diferença básica entre essas etapas é o tamanho do investimento ou despesa que se deseja fazer. Por exemplo, um planejamento de curto prazo envolve pagamentos de impostos, compra de móveis, férias anuais. No de médio prazo, compra ou troca de carro. No de longo prazo, aquisição da casa própria.

Em todos os casos, é necessária a criação de um fundo de reserva, uma poupança. Não adianta alguém planejar a compra de um terreno cujo valor é de trinta mil reais, daqui a cinco anos, se não economizar mensalmente quinhentos reais a partir de agora.

ORÇAMENTO

Uma empresa que trabalha sem orçamento está caminhando no escuro, com olhos vendados e à beira do abismo. O orçamento é a principal ferramenta da administração financeira; é o instrumento que orienta o desembolso, as despesas e os investimentos. Toda empresa deve ser orientada a gastar, não pelo saldo bancário, mas pelo

que está previsto no orçamento. De igual modo, temos que ter nosso orçamento pessoal para nos orientar quanto ao que podemos gastar ou não, e em que proporção devemos fazê-lo.

Quando falamos de orçamento pessoal, temos de trabalhar com dados mensais, fáceis de mensurar e controlar. Para elaborarmos um orçamento doméstico, só necessitamos de lápis, borracha, papel e uma calculadora. Ou, na era da informática, podemos usar uma planilha eletrônica, como o programa *excel*, disponível em qualquer computador. Não é recomendável comprar ou lançar mão de programas disponíveis na Internet. Por mais simples que sejam, são desnecessários para o padrão e ritmo da vida pastoral.

Damos nesta página uma planilha sugestiva, compatível com o ganho de um pastor. Provisione na base de 1/12 as despesas pagas uma única vez no ano.

O resultado entre receitas e despesas sempre deverá ser positivo; ou seja, nunca devemos gastar tudo o que ganhamos. O salto positivo mensal será destinado à formação do fundo de reserva.

CONTROLE DE DESPESAS

É inútil fazer-se planejamento e orçamento, se não houver controle de despesas. Através do registro do que gastamos é que podemos avaliar nossa situação financeira pessoal. É no controle das despesas que iremos verificar se estamos praticando ou não o que foi estabelecido no orçamento.

Uma sugestão para estabelecermos controle das finanças pessoais é ter duas pequenas cadernetas. Uma de ficar com o pastor, e a outra com a esposa, devendo estar sempre à mão. Em cada uma delas, faça três colunas sob os títulos de data, descrição e valor das despesas. A partir do primeiro dia do

SUGESTÃO DE ORÇAMENTO

Receitas

Remuneração líquida, depositada em conta corrente no fim do mês	R\$
“Pacote” para atender atividade pastoral	R\$
Salário líquido da esposa	R\$
Receita patrimonial (aluguéis)	R\$
Outras	R\$
Total Receitas	R\$

Despesas

Ofertas (pacto)	R\$
Ajudas assistenciais	R\$
Despesas com o veículo	R\$
Supermercado, feira, padaria	R\$
Alimentação fora de casa	R\$
Luz, água, gás	R\$
Telefone	R\$
Escola dos filhos	R\$
Medicamentos	R\$
Mesada dos filhos/esposa	R\$
Despesas com transporte	R\$
Despesas escolares e cantina dos filhos	R\$
Vestuário	R\$
Empregada	R\$
Lazer	R\$
Seguros	R\$
Despesas bancárias	R\$
Outras	R\$
Total Despesas	R\$

Superávit (Receita – Despesa)

Fundo de Reserva:

R\$ _____ - R\$ _____ = R\$ _____

mês, todas as despesas, grandes ou pequenas, devem ser anotadas. Quando se está em casa, é fácil identificar uma torneira aberta e fechá-la. Mas os pequenos vazamentos passam despercebidos e causam grandes desperdícios. Podemos negligenciar o controle das pequenas despesas, mas, ao somá-las, chegaremos à conclusão de que elas têm significativo peso no montante dos gastos mensais.

No fim do mês, deve-se fazer um resumo de todas as despesas anotadas nas cadernetas, agrupando-as segundo o orçamento, incluindo as despesas automaticamente debitadas na conta bancária. O passo seguinte é comparar o total das despesas do mês com o que foi estabelecido no orçamento. Aí serão identificados os desvios e excessos, tomando-se as providências para os cortes necessários. Outro aspecto importante da implementação de um sistema de controle permanente é a possibilidade de observar a inflação pessoal, através da comparação das despesas totais entre um determinado período. Mesmo que não tenha havido nenhuma despesa adicional, pode-se verificar se houve inflação no padrão de vida pessoal.

A cada início de mês são divulgados vários índices de inflação. A composição desses índices é baseada num determinado mix de produtos, que certamente diferem dos que compõem nosso padrão de vida. Por isso, nosso índice de inflação pessoal sempre será diferente. Em muitos casos, o ajuste ao orçamento mensal requererá mudança no padrão de vida. Aliás, esse é um aspecto que impede a recuperação financeira de muitas pessoas. A colocação

das finanças em dia demanda humildade para reconhecer a necessidade de mudar certos hábitos, como jantar fora, gastos com vestuário, constante troca de veículos, locações de fitas de vídeo, DVDs, etc.

A sugestão de controle aqui apresentada não precisa ser praticada todos os meses. Ela deve ser implantada, quando há dificuldades financeiras. Em caso de equilíbrio, o controle pode ser feito com maior elasticidade, a cada seis meses por exemplo.

FUNDO DE RESERVA

Para sabermos se uma família tem a situação financeira equilibrada, basta uma pergunta: Existe uma reserva, poupança? Em caso afirmativo, o equilíbrio existe, embora não seja garantia de que continuará assim no futuro, caso a poupança esteja se decapitalizando a cada mês. Se a resposta for negativa, há sério risco de problemas a curtíssimo prazo. Afinal, quem não está sujeito a imprevistos?

As pessoas que procuram ajuda para solucionar problemas financeiros têm algo em comum: gastam tudo o que ganham, vivendo sempre no limite. Então, quando acontecem os imprevistos, surge o desequilíbrio que leva ao uso de cheque especial, empréstimos com seus famigerados juros, aumento de despesas e tragédia financeira.

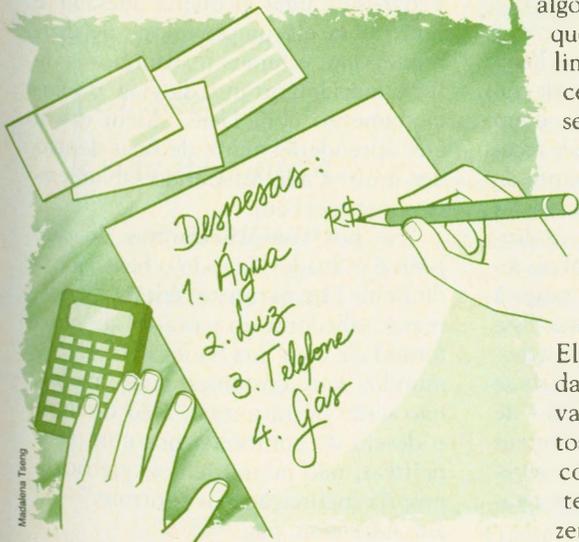
O fundo de reserva não garante a estabilidade somente por cobrir imprevistos. Ele também gera melhor qualidade de vida. Quem tem reserva financeira paga seus impostos a vista, aproveitando os descontos concedidos. Além disso, tem poder de negociação ao fazer compras, conseguindo preço

melhor. Desse modo “estica” um pouco mais o salário.

De tudo o que foi exposto até aqui, podemos destacar três pilares que asseguram a estabilidade financeira a longo prazo: Não gastar tudo o que se ganha; não gastar antes de ganhar; ter uma reserva financeira.

Já se foi o tempo em que o preço dos produtos ou serviços era determinado pelos custos. Para que uma empresa sobreviva, independentemente do ramo de atividade, seus produtos e serviços precisam ter preços viáveis, compatíveis com a realidade do mercado, com o padrão de vida dos consumidores. Somente sobreviverão as empresas que conseguirem ajustar seus custos à receita.

Da mesma forma, no âmbito pessoal, a qualidade de vida também não está associada ao tamanho da renda familiar, mas à forma como se gasta o que se ganha. Existem algumas razões básicas que explicam o fato de alguns pastores terem um padrão de vida diferente de outros: o número de filhos, salário da esposa, ou herança e ajuda recebida dos pais. Porém, o motivo principal da diferença de padrão é a forma como gastam o que ganham, como determinam o seu padrão de consumo, como controlam as finanças pessoais.



CONSELHOS ÚTEIS

Aqui vão alguns conselhos que poderão orientar nosso consumo e contribuir para a boa administração financeira da família:

- ◆ Compre somente a vista. Essa é a melhor maneira de comprar. Não se iluda com ofertas do tipo: “preço parcelado igual ao preço a vista”.
- ◆ Pesquise o mercado antes de comprar. E não deixe de pechinchar.
- ◆ Examine a qualidade do que está adquirindo. Um sapato de R\$ 100,00 que dura dois anos é mais barato do que um de R\$ 50,00 que dura oito meses.
- ◆ Ao comprar alimentos, compre produtos de estação. Eles são mais baratos.
- ◆ Examine o valor nutricional dos alimentos. Nunca faça economia com a qualidade deles. Ao gastar com muitas frutas, legumes e cereais, você economiza com remédios.
- ◆ Ao achar um produto não perecível por um bom preço, aproveite para fazer estoque.
- ◆ Não se deixe impressionar pela aparência da embalagem.
- ◆ Jamais compre sob o impacto da propaganda.
- ◆ Quando for ao mercado, leve uma lista do que vai comprar. Do contrário, há forte possibilidade de levar algo desnecessário e esquecer algo necessário, tendo que voltar depois, gastando tempo e dinheiro.
- ◆ Evite comprar alimentos quando está com fome.
- ◆ Evite levar crianças ao mercado. Produtos infantis, tentadores, estão sempre na parte mais baixa das prateleiras ou bem próximos ao caixa, onde normalmente permanecemos mais tempo aguardando na fila ou pagando as compras.
- ◆ Ao comprar roupas, aproveite as promoções de fim de estação.
- ◆ Ao administrar o fundo de reserva, faça aplicações seguras, mantendo suas economias em um banco estável. As aplicações recomendadas para o momento são

os fundos de investimento. Os sites dos principais bancos oferecem todas as informações necessárias. Outra boa sugestão é aplicar no “tesouro direto”, que significa fazer aplicações diretamente, reduzindo as taxas administrativas cobradas pelas instituições financeiras. Você pode obter informações no endereço:

www.tesouro.fazenda.gov.br/tesouro_direto

- ◆ Evite dar cheque pré-datado. Esse é um dos maiores vilões do descontrole financeiro.
- ◆ Cuidado com o uso do cartão de crédito. É uma boa alternativa, desde que seja usado com parcimônia. As operadoras cobram das lojas uma taxa que chega a 6% do valor da compra. É possível encontrar produtos mais baratos em lojas que vendem a vista sem aceitar cartão de crédito.
- ◆ Cuidado com o uso do telefone celular. Há muita coisa moderna que facilita a vida, mas também aumenta despesas. O celular é uma delas.
- ◆ Não aceite ofertas como: “compre agora e pague com a restituição do seu Imposto de Renda”; ou “compre agora e pague somente com seu décimo terceiro”. Há um custo envolvido nessas ofertas, e aqueles que se deixam atrair pagam mais caro pelos produtos.
- ◆ Cuidado com os “cartões preferenciais”. O objetivo deles é apenas facilitar o consumo. Com as “vantagens” de pagamento parcelado e “sem juros”, compra-se mais do que se devia. Normalmente, as cobranças virão através de boletos bancários. Mas, caso haja algum problema com a quitação do débito, quem entra no cenário para resolver o problema é uma empresa especializada em cobrança, terceirizada pela loja, num relacionamento nada amistoso.

RELACIONAMENTO COM DEUS

De nada adiantará colocarmos em prática todos os conselhos técnicos sobre administração financeira pessoal, se não vivermos a experiência de uma dependência total de Deus. É através do relacionamento íntimo e pessoal com Ele que obteremos a sabedoria e a força necessárias para implementarmos na vida os princípios aqui enumerados, experimentarmos a unção do Espírito Santo e, através dEle, produzirmos um dos frutos necessários na busca da estabilidade financeira, ou seja, o domínio próprio.

No contexto do tema deste artigo, a bênção de Deus somente será alcançada

pela oração e comunhão com Sua Palavra adicionadas à total fidelidade no trato com os bens que Ele colocou em nossas mãos. Temos o privilégio de receber nossa remuneração diretamente da “casa do tesouro” divino, lá deixando as primícias das bênçãos de Deus: os dízimos. Porém, o grande diferencial no relacionamento com Ele, no que tange à questão financeira, está nas ofertas. Esse foi o motivo pelo qual o Senhor nos deixou livres para ofertar. É através desse ato que demonstramos disposição de nos desapegarmos das coisas materiais em favor de Sua causa. É aqui que revelamos quanto O amamos e somos agradecidos por Suas bênçãos.

Somos ensinados a ofertar na proporção das bênçãos que tivermos recebido (Deut. 16:17). O símbolo de proporção é o percentual. Portanto, devemos ter nosso plano financeiro pessoal, estabelecendo um pacto proporcional às nossas rendas, sendo também um exemplo para nossos filhos e nossas igrejas.

Existe ainda algo de suprema importância que devemos considerar na administração de nossa vida financeira: o grande mandamento que nos ordena amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. Se estivermos dispostos a colocar em prática esse ensino, não podemos ser insensíveis às necessidades dos menos favorecidos que nos rodeiam, inclusive em nossas igrejas. Sempre há alguém vivendo em situação mais difícil do que nós, razão pela qual devemos incluir em nosso plano financeiro uma ajuda aos pobres. Isso pode ser feito através de doação de dinheiro, medicamentos, alimentos ou vestuário.

Não poderíamos concluir estas considerações sem lembrar a responsabilidade que temos na educação dos nossos filhos quanto às finanças pessoais. Primeiramente, devemos ser exemplos do que teorizamos. Educamos nossos filhos principalmente pelo que somos e fazemos. Se os filhos crescem num lar onde há conflitos e discórdias por causa de questões financeiras, certamente irão concluir que o dinheiro é uma maldição. Mas devemos mostrar-lhes que o dinheiro é uma bênção, quando usado segundo a orientação divina.

Acredito que a melhor forma de educar os filhos na questão financeira é dar-lhes uma pequena mesada e junto com ela um envelope de díizimo. Assim, estamos instruindo-os na lição mais importante da vida: o relacionamento com Deus. Além disso, eles aprenderão a arte de ficar dentro dos limites, administrando sabiamente o que recebem.

“Se nos compenetrarmos de que Jesus é o doador de todo o bem, que o dinheiro Lhe pertence, então exerceremos sabedoria no gastá-lo, de conformidade com Sua Santa vontade. O mundo, seus costumes, suas modas, não serão nossa norma. Não teremos o desejo de conformar-nos com suas práticas, não permitiremos que nossa própria inclinação nos controle.” – *O Lar Adventista*, pág. 368. ◀

AVISOS DA NATUREZA



José Carlos Ramos

Professor e coordenador de pós-graduação do Seminário Teológico do Unasp, Engenheiro Coelho, SP

Os males que sempre caracterizaram a vida no planeta se acentuam nos últimos dias

A palavra “terremoto” tem origem no latim, mais especificamente no termo *terraemotus* cujo significado é “movimento da terra”. Com essa palavra, identificamos qualquer vibração da crosta terrestre, provocada pela acomodação de material rochoso subterrâneo. Segundo os especialistas, a crosta terrestre, denominada litosfera, não é compacta, mas constituída de gigantescos blocos de rocha, conhecidos como placas tectônicas. Essas placas, impulsionadas por forças retidas no interior do planeta, sofrem eventuais deslocamentos, e mesmo rupturas, gerando ondas sísmicas que se propagam longitudinalmente e transversalmente pela crosta. O resultado é sentido na superfície, com uma intensidade que varia desde um pequenino estremecimento até um abalo de grandes proporções.

De acordo com uma teoria muito sugerida entre os estudiosos, a crosta da Terra estaria dividida em dez placas que, à semelhança das peças que se encaixam num quebra-cabeças, estão uma ao lado da outra, separadas por falhas geológicas primárias. Essas placas “flutuam” sobre uma pasta incandescente, constituída de magma (material orgânico/mineral em combustão, sob altíssima temperatura) localizada na astenosfera, a camada sob a crosta.

Por causa da pressão vinda de baixo, às vezes, uma placa sofre uma ruptura, deixando passar gases e matéria ígnea, o que caracteriza uma erupção vulcânica. O atrito produzido pela ruptura provoca vibrações sísmicas que podem ser sentidas a milhares de quilômetros de distância. Portanto, uma erupção vulcânica significativa quase certamente resultará em um terremoto. E, quando essa ruptura ocorre no fundo do mar, além do terremoto, ela produzirá também um maremoto, como o ocorrido em 26 de dezembro de 2004 no sudeste da Ásia e África Oriental.

Entre as placas, situam-se as falhas geológicas primárias, que permitem os deslocamentos e conseqüentes vibrações. A falha de San Andreas, que passa pela costa da Califórnia, chama a atenção não somente por envolver áreas densamente povoadas, mas principalmente por sua complexidade: dela procedem ramificações que se subdividem em inúmeras fendas secundárias. Em outras palavras, a região está apoiada numa verdadeira malha de rachaduras, responsáveis por um dos subsolos mais instáveis do planeta. Não é por acaso que quase uma centena de tremores agitam a Califórnia anualmente. Em 18 de abril de 1906, um terremoto de magnitude 8.3 na escala Richter destruiu quase toda San Francisco. Surpreendentemente, o número de óbitos foi relativamente baixo: apenas 700. Mas os cientistas alertam no sentido de que um terremoto ainda mais terrível poderá acontecer naquela região a qualquer momento.

TERREMOTOS NO BRASIL

O Brasil está assentado em uma camada mais ou menos estável, o que enseja alguma probabilidade de não sermos vitimados por terremotos devastadores.

Porém, não nos iludamos com falsa segurança. O território brasileiro inclui peque-

nas falhas geológicas e linhas sísmicas que tornam certas áreas sujeitas a abalos. O Ceará, em 20 de novembro de 1980, foi surpreendido com um tremor do seu solo. Já a região da Serra do Tombador, no Mato Grosso, foi palco do maior terremoto já registrado no Brasil, em 31 de janeiro de 1955, que atingiu 6.6 na escala Richter. Por haver acontecido numa região desabitada, não houve vítimas. Outro terremoto aconteceu no mesmo local, dessa vez com intensidade menor (cinco graus na escala Richter), em 23 de março do ano passado.

Em 23 de julho de 1976, o município de Primeiro de Maio, a 560 quilômetros de Curitiba, sentiu 27 tremores, fazendo com que muitas famílias abandonassem a cidade; aproximadamente nove semanas mais tarde, a terra tremeu por doze segundos em toda a zona urbana de Coração de Jesus, a 70 quilômetros de Montes Claros, Minas Gerais. Seus 3.500 habitantes entraram em pânico.

A maior cidade brasileira, São Paulo, está levantada sobre a chamada falha de Tietê, o que faz com que os paulistanos, às vezes, percebam tremores. Os bairros de Santa Cecília, Perdizes, Pompéia e Pinheiros, e o centro da cidade, por exemplo, foram sacudidos com um tremor de intensidade que pontuou entre 1.2 e 2 graus na escala Richter, entre 22h e 24h do dia 29 de novembro de 1976. Muitos moradores acordaram assustados e saíram às ruas, ainda vestidos de pijama. Algumas semanas antes, precisamente em 5 de outubro, Diadema, na região do ABCD, já havia sentido um tremor que resultou em rachaduras de paredes.

Às vezes, sentimos apenas uma repercussão de sismos mais significativos que ocorrem fora do Brasil, e que chegam a nós na forma de tremores atenuados. Por exemplo, em junho do ano passado, moradores de São Paulo e da região de Campinas sentiram um leve tremor, que, segundo se soube depois, foi consequência de um terremoto ocorrido no norte do Chile. Na ocasião, tremores ocorreram também em Goiás e no Distrito Federal.

O “FATOR INSTABILIDADE”

O pecado é o principal fator de desequilíbrio no planeta, e a instabilidade geológica sobre a qual nos sustentamos é decorrência dele. Não posso crer que a Terra tenha sido originalmente

firmada pelo Criador sobre oscilantes placas tectônicas impregnadas de falhas e por elas rodeadas. Creio que, ao sair das mãos de Deus, a Terra era um todo harmônico, perfeito e solidamente estabelecido. Uma crosta maciça, compacta, inabalável, servia de esteio para o planeta que fora destinado a ser o *habitat* da raça humana. Como disse o poeta de Israel, Deus “firmou o mundo para que não se abale” (I Crôn. 16:30). Mas a rebelião se infiltrou, gerando transitoriedade, inconstância, inconsistência, fragilidade e risco.

“O pecado é o principal fator de desequilíbrio no planeta”

Para um grande número de geólogos, a formação das placas tectônicas e das falhas geológicas se processou no transcurso de milhões de anos. Para os que crêem na Bíblia, todavia, foram formadas pelo dilúvio universal que sobreveio à Terra, aproximadamente dezesseis séculos depois de criada. A era antediluviana não deve ter conhecido qualquer tipo de tremor. Contudo, por ocasião do dilúvio, “romperam-se todas as fontes do grande abismo” (Gên. 7:11). “Os fundamentos do grande abismo... se partiram. Jatos de água irrompiam da terra, com força indescritível, arremessando pedras maciças a muitos metros para o ar; e ao caírem, sepultavam-se profundamente no solo” (*História da Redenção*, págs. 66 e 67). A crosta terrestre foi literalmente fragmentada, estabelecendo-se condições ideais para posteriores terremotos.

Além disso, homens, animais e plantas foram tragados pela fúria das águas, e arremessados às profundezas, onde, agregados com elementos químicos, tornaram-se finalmente matéria em combustão abaixo da crosta terrestre (a pasta incandescente anteriormente referida). “Nesse tempo, imensas florestas foram sepultadas. Estas fo-

ram depois transformadas em carvão, formando as extensas camadas carboníferas que hoje existem, também fornecendo grande quantidade de óleo. O carvão e o óleo freqüentemente se acendem e queimam debaixo da superfície da terra. Assim as rochas são aquecidas, queimada a pedra de cal, e derretido o minério de ferro. A ação da água sobre a cal aumenta a fúria do intenso calor, e determina os terremotos, vulcões e violentas erupções. Vinde o fogo e a água em contato com as camadas de pedra e minério, há violentas explosões subterrâneas... Seguem-se erupções vulcânicas; e, deixando estas muitas vezes de dar vazão suficiente aos elementos aquecidos, a própria terra é agitada, o terreno se ergue e dilata-se como as ondas do mar, aparecem grandes fendas...” – *Patriarcas e Profetas*, págs. 108 e 109.

Conhecedor das leis naturais, Satanás pode, naturalmente, provocar terremotos. Certamente, aquele que tem prazer na destruição, principalmente de vidas, está por trás de muita catástrofe que tem castigado o planeta. Porém, terremotos também cumprem um propósito divino, como aqueles ocorridos por ocasião da morte de Jesus (Mat. 27:51-54), de Sua ressurreição (Mat. 28:2), e naquela noite em que Paulo e Silas estiveram acorrentados no cárcere em Filipos (Atos 16:26).

O homem também pode causar terremotos, e o tem feito, através de explosões subterrâneas e pela inundação de grandes represas artificiais.

SINAL DO FIM

Terremotos são declaradamente um sinal da proximidade da volta de Jesus. “Haverá grandes terremotos...”, disse Ele em Seu sermão profético (Luc. 21:11).

Na realidade, temos notícia de terremotos desde o longínquo passado (cf. I Reis 19:11; Amós 1:1; Zac. 14:5; Atos 16:26). O que toma, então, os terremotos de nossos dias um sinal do fim? Precisamente o fato de as predições proféticas os incluírem.

Por exemplo, consideramos o terremoto de Lisboa, ocorrido em 1º de novembro de 1755, aquele que marca a abertura do sexto selo (Apoc. 6:12). Não porque aleatoriamente escolhemos esse, entre outros. Levando em consideração quando e onde ocorreu, bem como o fato de se situar dentro de um contexto amplo de cumprimento profético, que envolve o escurecimen-

to do Sol em 1780, o fim dos 1260 de supremacia papal em 1798, a queda das estrelas em 1833, e o fim das 2300 tardes e manhãs de Daniel 8:14, em 1844, todos esses significativos eventos da chegada do tempo do fim, o terremoto de Lisboa ajusta-se perfeitamente à profecia.

Outro ponto que deve ser considerado é o assustador aumento de terremotos devastadores, particularmente após 1755 (veja o quadro). Bem analisados, os males que sempre caracterizaram a vida de nosso planeta se acentuaram nos dias finais. Por exemplo, a baixa moral de Sodoma ganharia proporções mundiais (Luc. 17:28-30). A guerra, que já ocorria nos dias de Abraão (Gên. 14:1 e 2), seria incrementada com o passar do tempo, até o nível de conflitos mundiais quando o fim se aproximasse (Mat. 24:6 e 7).

O mesmo ocorre com os abalos sísmicos. A profecia prevê para o fim não somente grandes terremotos, mas fala deles como ocorrendo em muitos lugares (Mat. 24:7; Mar. 13:8). Há um sentido de intensificação aqui. Diferentes estações sismológicas estabelecidas em pontos estratégicos ao redor do mundo, registram a ocorrência de um milhão de vibrações sísmicas por ano, entre as quais há, em média, um terremoto de grandes proporções, 18 abalos significativos, e aproximadamente 120 tremores considerados fortes.

Ilustrando a onda avassaladora dos terremotos de nossos dias, mencionamos um de 9 graus na escala Richter ocorrido em 26 de dezembro de 2004, e que assolou o sudeste da Ásia matando mais de 280 mil pessoas em onze países; aquele que provocou as ondas tsunamis, que também invadiram países da África Oriental. Foi considerado o mais longo da História, criando uma falha submarina de 1500 quilômetros e sacudindo o planeta. Diante do que o mundo testemunhou, as palavras de Ellen G. White soam pertinentes: "Nas últimas cenas da história terrestre... as águas do oceano transporão seus limites. Propriedades e vidas serão destruídas" – *Eventos Finais*, págs. 22 e 23.

Logo em seguida (8 de janeiro do ano passado), a região foi atingida por outro terremoto de menor intensidade (7.66 na escala Richter).

O PONTO CULMINANTE

A instabilidade da Terra tem-se intensificado mais e mais, no transcurso

de séculos e milênios. Como disse o profeta, "a Terra está de todo quebrantada, ela totalmente se romperá, a Terra violentamente se moverá. A Terra cambaleará como um bêbado, e balanceará como rede de dormir" (Isa. 24:19 e 20). A fragilidade do planeta continuará se intensificando até que o ponto culminante seja atingido por ocasião da sétima praga; aí ocorrerá o último e o mais terrível terremoto, "como nunca houve igual desde que há gente sobre a Terra" (Apoc. 16:18). Será um terremoto suficientemente arrasador para quebrantar o mundo, abrir as sepulturas dos justos e introduzir a volta de Jesus.

Comentando os lances de destruição que eventualmente se abatem sobre a Terra, em virtude das novas circunstâncias do mundo geradas pelo dilúvio, Ellen G. White acrescenta: "Estas assombrosas manifestações serão mais e mais frequentes e terríveis precisamente antes da segunda vinda de Cristo e do fim do mundo, como sinais de sua imediata destruição... Manifestações mais terríveis do que as que o mundo jamais

viu, serão testemunhadas por ocasião do segundo advento de Cristo...

"Unindo-se os raios do céu com o fogo na Terra, as montanhas arderão como uma fornalha, e derramarão terríveis correntes de lava, submergindo jardins e campos, vilas e cidades. Massas fervilhantes derretidas, ao serem arremessadas nos rios, farão com que as águas entrem em ebulição, arremetendo rochas maciças com indescritível violência, e espalhando seus fragmentos sobre a Terra. Rios tornar-se-ão secos. A Terra se convulsionará; por toda parte haverá tremendos terremotos e erupções" – *Patriarcas e Profetas*, págs. 107-109).

Cabe-nos, hoje, fazer o necessário preparo a fim de permanecermos de pé no dia final, amparados no poder da graça. Ao lado disso, como pastores do rebanho que Deus nos confiou, temos o dever de ajudá-lo a se preparar também. E não esqueçamos: só em Deus há segurança. Ele é rocha, alto refúgio e salvação. Quem nEle confia pode dizer como Davi: "não serei jamais abalado" (Sal. 62:6). Em tempo algum; sob nenhuma circunstância. Nem no dia em que Jesus voltar. ❁

RELAÇÃO DE ALGUNS DOS MAIS DEVASTADORES TERREMOTOS EM NÚMERO DE MORTES, DESDE 1755

Data	Local	Escala Richter	Mortos
1º de novembro de 1755	Lisboa	8.6 graus	70 mil
4 de fevereiro de 1783	Calábria, Itália	Sem referência	50 mil
4 de fevereiro de 1797	Quito, Equador	Sem referência	40 mil
12 de dezembro de 1828	Equador e Colômbia	Sem referência	70 mil
16 de agosto de 1868	Echigo, Japão	Sem referência	30 mil
28 de dezembro de 1908	Messina, Itália	7.5 graus	120 mil
16 de dezembro de 1920	Kansu, China	8.5 graus	180 mil
1º de setembro de 1929	Kwanto, Japão	8.2 graus	143 mil
26 de dezembro de 1932	Kansu, China	7.6 graus	70 mil
31 de maio de 1935	Quetta, Índia	7.5 graus	60 mil
29 de fevereiro de 1960	Agadir, Marrocos	5.9 graus	14 mil
31 de agosto de 1968	Irã	7.4 graus	12 mil
4 de fevereiro de 1976	Guatemala	7.9 graus	2 mil
27 de julho de 1976	Tangshan, China	7.9 graus	*650 mil
16 de setembro de 1978	Irã	7.8 graus	25 mil
18 de setembro de 1985	México	8 graus	10 mil
7 de dezembro de 1988	Armênia	6.8 graus	25 mil
20 de junho de 1990	Noroeste do Irã	7.7 graus	30 mil
29 de setembro de 1993	Maharashtra	6.2 graus	10 mil
26 de janeiro de 2001	Oeste da Índia	7.7 graus	20 mil
26 de dezembro de 2003	Bam, Irã	6.6 graus	26 mil
26 de dezembro de 2004	Ásia e África	9 graus	280 mil
8 de outubro de 2005	Índia e Paquistão	7.6 graus	57 mil

*Alguns contabilizam 255 mil, mas parece que a cifra maior é a correta.

ENTREGA TOTAL



Francisco Carlos Bussons

Secretário ministerial
da União
Norte-Brasileira

*Ao aceitar o
chamado divino,
o pastor quebra
todas as pontes
que o ligavam
a ocupações
seculares*

Ao serem chamados por Deus, Moisés, Isaías e Jeremias tiveram reações bem humanas: “Ah! Senhor! Envia aquele que hás de enviar, menos a mim” (Êxo. 4:13). “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio dum povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!” (Isa. 6:5). “Ah! Senhor meu! Eis que não sei falar, porque não passo de uma criança” (Jer. 1:6). Implícita nessas palavras está a consciência da limitação humana diante da grandeza e santidade da tarefa que lhes fora confiada.

De fato, escreveu Ellen White: “O trabalho do obreiro cristão não é coisa leve nem sem importância. Ele tem uma alta vocação, a qual tem de modelar e dar cor a toda a sua vida futura. Aquele que se dedica a uma obra tão sagrada, deve empenhar todas as energias em sua realização.” – *Obreiros Evangélicos*, pág. 73.

Podemos, então, definir a vida pastoral como um sagrado compromisso de fidelidade a vários fatores, conforme analisados a seguir.

CRISTO

Em primeiro lugar, o pastor está comprometido com Cristo. Tal foi o exemplo deixado pelo apóstolo Paulo. Destacado em sua devoção, lealdade e infatigável esforço em favor da pregação, ele mantinha o foco inamovível: “Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Fil. 3:13 e 14).

Durante seu ministério apostólico, Paulo jamais vacilou em seu compromisso com Deus. Sua experiência e seus conselhos são uma fonte de auxílio e inspiração a todos os que se empenham no ministério cristão. Em vez de ameaçarem seu vigor pastoral, as provas o fortaleciam e o aproximavam ainda mais de Jesus: “Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Como está escrito: Por amor de Ti, somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro. Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rom. 8:35-39).

Mas a história cristã registra outros heróis que deram a vida pela verdade. João Huss foi um deles. Por haver pregado as puras verdades da Bíblia, Huss foi preso e por três vezes foi levado perante concílios. Autoridades religiosas exigiam-lhe a retratação; mas ele perseverou inabalavelmente em seu compromisso com Deus e Sua verdade. Excomungado, morreu queimado numa fogueira e teve as cinzas jogadas no rio Reno.

Outro herói cristão, comprometido com Cristo, foi Jerônimo. Levado ao mesmo local em que Huss depositara a vida, ele fez o trajeto cantando, com o semblante iluminado de alegria e paz. A morte não o aterrorizava. Quando o carrasco dirigiu-se para acender a fogueira, passando por trás dele, ouviu o mártir dizer: “Ponha fogo à minha vista! Se eu tivesse medo, não estaria aqui.” Suas últimas palavras foram: “Senhor, Pai, Todo-poderoso, tem piedade de mim, perdoa-me e perdoa os meus pecados. Sabes que sempre amei Tua verdade.” A exemplo do que ocorreu com Huss, as cinzas de Jerônimo também foram lançadas no Reno.

A lista de pregadores comprometidos com Cristo pode incluir ainda os nomes de José Bates, Tiago e Ellen White, Léo Halliwell, Gustavo Storch, e muitos outros. Meu nome e o seu devem fazer parte dessa lista.

PUREZA

O ministro cristão adventista é comprometido com a pureza de vida. “Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus” (Rom. 6:11). “Digo, porém: Andai no Espírito, e jamais satisfareis a concupiscência da carne. ... E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito” (Gál. 5:16, 24 e 25).

Falando sobre o trabalho pastoral, a Sra. White afirma que “não deve haver recantos escuros. É o caminho da paz, da pureza e da santidade que deve ser seguido pelos redimidos do Senhor. Nesse caminho, Cristo é o guia, o verdadeiro Pastor. Os que O seguirem evitarão os atalhos e perigosos abismos” – *Review and Herald*, 24/06/1902.

Há necessidade de investirmos em nossa vida espiritual, cuidando da mente. Devemos entregar nossos pensamentos e impulsos ao senhorio de Cristo. Somente assim seremos puros em nossa conduta diária. A concupiscência é vencida quando renunciamos a nós mesmos e nos submetemos, pela fé, à obra de Cristo realizada em nós. Precisamos exercer nossa vontade, recusando as sedutoras tentações, com a certeza de que em Jesus encontraremos poder para vencer e ser livres do pecado.

Busquemos viver de tal maneira que, ao nos olharem as pessoas, vejam o brilho de Cristo refletido em nós.

“Paulo,
João Huss, Lutero,
José Bates,
Thiago e Ellen White,
Léo Halliwell,
Gustavo Storch...
Meu nome e o
seu devem
fazer parte
dessa lista”

CHAMADO

Outra área de comprometimento pastoral é seu chamado. Voltemos à experiência de Jeremias: “Antes que Eu te formasse no ventre materno, Eu te conheci, e, antes que saíesses da madre, te consagrei, e te constituí profeta às nações. Então, Lhe disse eu: Ah! Senhor Deus! Eis que não sei falar, porque não passo de uma criança. Mas o Senhor me disse: Não digas: Não passo de uma criança; porque a todos a quem Eu te enviar irás; e tudo quanto Eu te mandar falarás. Não temas diante deles, porque Eu sou contigo para te livrar, diz o Senhor. Depois, estendeu o Senhor a mão, tocou-me na boca e o Senhor me disse: Eis que ponho na tua boca as Minhas palavras. Olha que hoje te constituo sobre as nações e sobre os reinos, para arrancares e derribares, para destruíres e arruinares e também para edificares e para plantares.” (Jer. 1:4-10).

E Ellen White assegura: “Os ministros do evangelho, mensageiros de Deus a seus semelhantes, nunca devem perder de vista sua missão e responsabilidades.” – *Obreiros Evangélicos*, pág. 17.

A lealdade do pastor ao chamado divino é vista na inspiração de sua vida, na fidelidade aos ensinamentos da Palavra de Deus, no poder de suas men-

sagens, no diligente cuidado pelas ovelhas e no interesse por alcançar os perdidos e encaminhá-los a Cristo.

Essa é uma vocação vitalícia, que o pastor deve esposar incondicionalmente, rompendo com todas as pontes, queimando todos os barcos e redes que antes configuravam suas ocupações seculares.

MISSÃO

Pastores e membros foram comissionados e são responsáveis pela salvação dos pecadores. “Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão aquele em que não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!” (Rom. 10:13-15).

A salvação pertence a Deus, mas é canalizada através do agente humano para alcançar os que dela necessitam. Na obra de resgatar perdidos, não é o instrumento humano quem age independentemente. É Deus quem a executa através dos Seus escolhidos.

A vinda de Cristo e o cumprimento da missão andam de mãos dadas: “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim” (Mat. 24:14). E Ellen White escreveu: “Se todo vigia sobre os muros de Sião houvesse dado à trombeta um somido certo, o mundo haveria antes desta data ouvido a mensagem de advertência. A obra, porém, acha-se com atraso de anos. Enquanto os homens dormiram, Satanás marchou furtivamente sobre nós.” – *Evangelismo*, pág. 694. Diz mais: “É privilégio de todo cristão, não só aguardar, mas mesmo apressar a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.” – *Ibidem*, pág. 696.

No exercício dessa missão, devemos ter em mente que “novos territórios deverão ser trabalhados por homens inspirados pelo Espírito Santo. Novas igrejas devem ser estabelecidas e novas congregações organizadas. Nesta época, deve haver representantes da verdade presente em cada cidade e nas mais remotas partes da Terra” – *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 6, pág. 24.

Como pastores comprometidos com Cristo, Seu elevado chamado, Sua missão e a pureza de vida que bem O representem, cumparamos cabalmente nosso ministério. ◻

Missionários adventistas brasileiros atuam em Guiné Bissau

Guiné Bissau é um país da África Ocidental e um dos desafios da Igreja Adventista, já que faz parte da chamada "Janela 10x40". Nessa região, as religiões predominantes são o Animismo e o Islamismo. O cristianismo corresponde a menos de 5%. O território do país é de 36.125 quilômetros quadrados e a população é de 1,4 milhão de habitantes.



A Igreja Adventista conta com cerca de 1,5 mil membros no país. Tem duas escolas e dois templos próprios (um deles localizado na Ilha de Bolama e outro

na capital). Os demais locais de adoração são escolas, casas alugadas ou emprestadas.

No dia 28 de agosto do ano passado, foi inaugurado novo templo na capital, Bissau. As atividades evangelísticas ali começaram em meados de 1972, quando o missionário português Francisco Conceição Caetano adquiriu uma propriedade e a transformou num templo adventista, onde muitos jovens guineenses conheceram o evangelho. Em 1998, o Pastor Rubens Rogério da Conceição, então presidente da Missão Adventista, percebeu que o lugar era "muito tímido" e decidiu construir, segundo sua expressão, "um palácio para o Rei do Universo".

Enviou, então, uma carta ao presidente da república, na época, General João Bernardo Vieira, solicitando a concessão de um terreno para a construção do templo e para a Assistência Social, em área central da cidade. Em 1989, foi concedido o terreno e iniciada a construção.

Para a edificação do templo, houve momentos difíceis e desencorajadores. Por exemplo: durante o conflito político-militar de 1998, foram perdidos mais de mil sacos de cimento. Foi somente em 2001, com a chegada do Pastor Davi Tavares, como presidente da Missão, que o sonho se tornou realidade. O Pastor Davi retomou o projeto, desde a fundação até a cobertura, chegando praticamente a concluí-lo. Em virtude de um chamado, em 2004, para dirigir a Missão no Senegal, o pastor distrital e os irmãos deram continuidade ao projeto, sendo então inaugurado o templo.

Nos dias 1º a 12 de setembro, foi realizado um seminário de educação, com a presença de 60 professores, dentre eles animistas e muçulmanos. O tema central do evento foi Qualidade Total, coordenado pela missionária brasileira Neusa Gonçalves, que é pedagoga. O professor muçulmano Goudiaby disse, ao referir-se à Escola Sabatina de que participou: "Esta é a primeira vez que entro numa igreja cristã." Ficou tão impressionado que pediu a Lição da Escola Sabatina.

No dia 9 de outubro, foi inaugurada mais uma obra em Guiné Bissau. Os missionários brasileiros Ciro e Neusa



Gonçalves, que chegaram em fevereiro de 2004, como voluntários, iniciaram o projeto de construção de duas salas para serem utilizadas como escola e como igreja. A construção é tida como um milagre, devido às condições políticas do país e aos preços elevados dos materiais de construção. No dia 11 de outubro, tiveram início as aulas, com 104 alunos matriculados, a maioria deles oriunda de famílias islâmicas e animistas.

Por meio da Escola Adventista, muitos têm se aproximado de Jesus, pois a escola é um meio de quebrar preconceitos religiosos e divulgar a Palavra de Deus.

A comunidade está satisfeita e o Ministério de Educação agradece à Igreja Adventista a colaboração que tem dado ao país, que tem cerca de 80% de analfabetismo.



Organizada a primeira igreja brasileira no Japão

Em 1984, chegou ao Japão a família Kawasaki. Brasileiros, não entendiam japonês, mas assim mesmo procuraram a congregação adventista em Fujieda, e cada sábado freqüentavam a Escola Sabatina e o culto. Com a chegada de outra família brasileira, os Hirakawa, e mais outros irmãos do mesmo país, começaram a fazer a tradução dos cultos para o português. Com o aumento do número de brasileiros, o casal Kawasaki resolveu mudar o grupo para

sua casa em Kikugawa, usando a sala da residência para as reuniões. Depois, resolveram alugar um salão maior, em Kakegawa, onde primeiramente foi organizado o grupo, em setembro de 2003. No dia 27 de novembro do ano passado, o grupo foi organizado em igreja, com 47 membros.

A igreja adventista brasileira foi a terceira congregação estrangeira orga-



nizada no Japão, depois da coreana, em Tóquio, e da norte-americana, em Okinawa. No país, ainda há o grupo de Hamamatsu, com 40 membros, e o de Chiba, com 20 membros. O responsável é o Pastor Moisés Antônio da Silva.

PARA PENSAR

Como desperdiçar o tempo

Existem hoje muitos livros de auto-ajuda e consultores ensinando-nos como aumentar nossa eficiência, como aproveitar melhor cada momento, como investir mais sábia e produtivamente o nosso tempo. Porém, quero ensinar como desperdiçá-lo. Há pelo menos cinco maneiras de fazer isso:

Mantenha-se preocupado. Acorde preocupado e intensifique a ansiedade ao longo do dia. Preocupe-se com suas falhas, com o que deveria ter feito mas não fez e vice-versa. Lembre-se: úlceras necessitam de ácido fresco.

Alimente expectativas irreais. Na verdade, você precisa ignorar o conselho de Tiago: "Vós não sabeis o que sucederá amanhã" (Tia. 4:14). Então, estabeleça alvos, e persiga-os, deixando Deus fora dos seus planos.

Trabalhe para enriquecer. Você poderá conhecer idéias inovadoras nesse sentido, em muitos livros seculares, assistindo a seminários empresariais e de vendedores. Como pastor, nada disso lhe servirá.

Compare-se com outros. Com essa atitude, você não apenas ricocheteará entre os extremos da arrogância e do desânimo, mas também desperdiçará tempo sem saber quem você é.

Aumente sua lista de desafetos. Se há uma coisa que o conservar inativo é aperfeiçoar sua habilidade no jogo de vítima. Com um arsenal de suspeitas, paranóia e ressentimentos, você desperdiçará noites intermináveis ruminando pessoas que (supostamente) têm arruinado sua vida.

Coloque em prática essas dicas e logo esquecerá tudo o que pode gerar eficiência, produtividade, contentamento e felicidade em seu trabalho. Se isso lhe soa exagerado, pare e pergunte-se: Quanto tempo tenho gasto em algum desses itens? – *Charles Swindoll*



Erio Köhler

Não tema

Em uma pesquisa realizada em Cleveland, Estados Unidos, médicos legistas examinaram o coração de 15 pessoas que morreram durante assalto, embora os ferimentos sofridos não indicassem perigo de morte. Charles Hirsh, um dos médicos, verificou que 11 das 15 vítimas apresentavam lesões ou rompimentos no músculo cardíaco, provavelmente causados pelo medo de morrer.

O estudo provou que a expressão "ferido de morte" não é apenas casual. Se o temor pode colocar fim à vida, o que mais não pode fazer? Certamente, pode fazer-nos perder oportunidades que Deus nos dá. O Senhor abre uma porta e nós tememos atravessá-la. Tememos a solidão, a falta de recursos, o fracasso, esquecidos de que Deus pode reverter tudo isso para o bem. Se Ele promete estar conosco em todos os lugares, situações e circunstâncias, não precisamos temer.

Humor

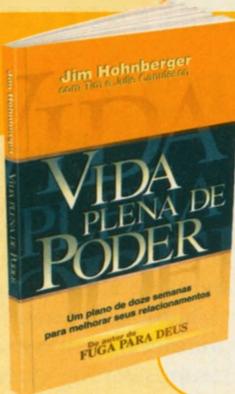
BEM-VINDOS

IGREJA CENTRAL

"É a primeira vez que vem aqui? Gostaria de ser incluído em nossa lista de e-mails? Qual é seu estado civil? Deseja um envelope de dígitos e ofertas? Onde trabalha? Por que veio aqui?..."

RECEPÇÃO

Joe MacKenzie/Humor Prints



VIDA PLENA DE PODER

Jim Hohnberger, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP; 272 páginas; Tel.: 0800-990606; sac@cpb.com.br

Muitos cristãos descobriram o poder do evangelho em seu dia-a-dia, através da leitura do livro *Fuga Para Deus*, deste mesmo autor. Agora, ele vai mais além, ampliando seus conceitos e apresentando princípios de relacionamentos mediante os quais, ele garante, toda pessoa pode experimentar uma revolução positiva na vida. E mostra testemunhos de vidas transformadas.

FAMÍLIA RADIANTE

José Edilson Félix da Silva, Associação Paulista Leste, São Paulo, SP; tels.: (11) 6652-2708 e 6652-2709. E-mails: jose.edilson@apl.org.br e hellem.jussi@apl.org.br

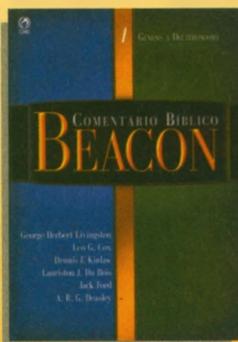


O Seminário Família Radiante é uma nova ferramenta evangelística. De uso bastante versátil, pode ser utilizado como lições em séries de conferências e em classes bíblicas, guia de estudos para pequenos grupos, roteiros para classes batismais, encontros de casais e congressos do Ministério da Família.

O material contém ainda cartazes, convites, certificados e CD, com apresentação em PowerPoint e imagens tratadas pelo processo Photo-shop.

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Vários autores, Casa Publicadora das Assembléias de Deus, Rio de Janeiro, RJ; dez volumes; www.cpad.com.br



Este é um comentário elaborado por 40 autores, teólogos conservadores. São dez volumes, com cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo Testamento. Em cada livro, os versículos são comentados de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética. Particularmente útil para pregadores e instrutores bíblicos.

VEJA NA INTERNET www.alcnoticias.org

Esse é o site da Agência Latino-Americana e Caribenha de Comunicação, uma agência evangélica de notícias que informa e comenta o que está acontecendo no mundo religioso em geral. Para ter acesso ao conteúdo em inglês ou português, basta clicar link com o nome do idioma, que fica logo abaixo da linha com o título do site. Nem todo o conteúdo está disponível nas três línguas. Usando a barra de rolagem, pode-se ver, na parte de baixo, as últimas notícias que têm alguma relação com a religião. Há um link que dá acesso ao Registro, para receber as notícias por e-mail. Também há links para acesso aos fóruns de discussão, às entrevistas com líderes religiosos da América Latina e diversos colunistas.

Na coluna que fica na parte mais à esquerda da tela, há um link para acesso a todas as entrevistas já publicadas; e outro para acessar todos os textos dos colunistas. Os outros links interessantes são: o da campanha "Década contra a violência" e o das notícias relacionadas com a IX Assembléia do Concílio Mundial de igrejas, realizado em Porto Alegre, de 14 a 23 de fevereiro deste ano, pela primeira vez na América Latina – Márcio Dias Guarda





Ranieri Sales

Secretário ministerial
associado da Divisão
Sul-Americana

DEUS DO IMPOSSÍVEL

Tempos atrás, li uma descrição de Ellen G. White a respeito de um episódio da vida de Moisés. Algumas pessoas influentes entre o povo de Israel iniciaram um movimento para questionar a liderança do homem que fora escolhido por Deus. Coré, Datã e Abirão estavam cegados pela inveja e pelo desejo de supremacia. A base de seus argumentos era a seguinte: Se Deus libertou todo este povo e o tem guiado até aqui, é porque somos santos e temos o Seu favor. Não precisamos de um líder tão severo e intransigente como Moisés. Infelizmente, a maioria do povo aderiu à proposta dos rebeldes.

Coré pertencia à tribo de Levi e aspirava ao sacerdócio. Seduziu dois comparsas: Datã e Abirão, príncipes da tribo de Rúben, com o plano de que eles assumissem o governo civil. Além desses, atraiu para sua causa mais de duzentos e cinquenta príncipes da tribo de Levi, a quem ofereceu parte no sacerdócio em substituição a Arão.

A maior parte do povo estava influenciada pelo raciocínio maligno dos rebeldes. Que crise! Uma situação realmente difícil de ser administrada. Como deveria Moisés agir? Que argumentos deveria usar para convencer a multidão a permanecer leal à sua liderança? Qual deveria ser a atitude certa? Que postura assumir? Que dizer? Qual seria a melhor estratégia para minar o movimento?

Pense agora, por um momento, no seu trabalho de pastor. Mentalize as situações difíceis com as quais você tem de tratar algumas vezes; as crises que tem de enfrentar. Pense nas pessoas de índole difícil que, de algum modo, têm interferido no desempenho do seu ministério. Existem muitos críticos. Há também as dificuldades características do lugar em que você trabalha, carência de recursos, a falta de colaboradores. Há incompreensões da parte de alguns; injustiças que porventura esteja sofrendo. Somando-se a isso tudo estão suas limitações pessoais, seus conflitos mais íntimos, tentações que assaltam você.

Depois dessa reflexão, talvez lhe seja possível ter uma idéia de como Moisés se sentiu naquele momento

difícil. Então, imite-o em sua atitude diante da crise. Como reagiu Moisés?

A primeira coisa que percebemos naquele grande líder do povo de Deus é que ele tinha consciência de que a primeira solução para as crises consiste em confiar em Deus e deixar que Ele atue. Moisés fez um desafio. No dia seguinte, todos deveriam comparecer para que o Senhor mostrasse quem, de fato, eram Seus verdadeiros líderes escolhidos. Houve uma demonstração tremenda de como Deus intervém para proteger a reputação e fortalecer a liderança daqueles a quem Ele escolhe.

Disse, então, Moisés: "Mas, se o Senhor criar alguma coisa inaudita, e a Terra abrir a sua boca e os tragar com tudo o que é seu, e vivos descerem ao abismo, então, conhecereis que estes homens desprezaram o Senhor" (Núm. 16:30). E Deus agiu: "aconteceu que, acabando ele de falar todas estas palavras, a terra debaixo deles se fendeu, abriu a sua boca e os tragou com as suas casas, como também todos os homens que pertenciam a Coré, e todos os seus bens. Eles e todos os que lhes pertenciam desceram vivos ao abismo; a terra os cobriu, e pereceram do meio da congregação" (Núm. 16: 31-33).

*"O Senhor não depende
de circunstâncias para
operar maravilhas"*

Foi uma grande destruição. Deus honrou Seus escolhidos. E a ação divina foi de maneira inédita, inimaginável, surpreendente, inesperada, fora do curso natural das coisas. Nas situações e nas circunstâncias mais improváveis e impossíveis, Deus age e resolve, também de modo inimaginável, improvável e humanamente impossível.

Diante do sepulcro de Lázaro, Cristo disse: "Lázaro, vem para fora!" (João 11:43). Com os trezentos homens de Gideão, Ele derrotou um exército "inumerável como a areia que há na praia do mar" (Juí. 7:12). Com o toque de trombetas e o barulho de gritos, Ele fez cair a poderosa muralha de Jericó. É assim que Deus age; muitas vezes, de maneira inesperada, improvável e surpreendente. Ele nunca Se limita às circunstâncias ou ao tempo.

É justamente assim que Ele pode fazer na sua vida. Confie nEle e entregue tudo aos Seus cuidados: seus planos, seus sonhos, seus alvos, seus talentos e recursos, sua influência e sua reputação. E também suas limitações.

Programa da Igreja:

março

especiais do mês

Dia 04



Comunicação para Evangelizar
Como me envolver no testemunho por meio da mídia

- Use o Rádio, TV e Internet para evangelizar.
- Instale sua antena. Convide alguém.
- Envie e-mails para amigos interessados.



Dia 11



Dia Mundial de Oração
Milhares de mulheres em oração ao redor do mundo

- Participe orando por alguém.
- Experimente as Bênçãos da Oração.
- Inicie um projeto de Oração Intercessória.



O que vem por aí...

Abril

De 9 a 16, Evangelismo Semana Santa, todos envolvidos.
Dia 22, Dia do Desbravador, ministério jovem.

comunicação integrada

abril

especiais do mês

Evangelismo Semana Santa

Campanha evangelística de colheita do 1º semestre



De 9 a 16

- Convide os interessados.
- Convide novos amigos.
- Ajude pessoas a decidirem-se por Cristo.

Todos os departamentos da igreja integrados

Dia do Desbravador

Grande celebração do Clube de Desbravadores



Dia 22

- Todos apoiando os juvenis.
- Eventos especiais para toda a igreja.
- Programa especial dirigido pelos juvenis.



Ministério Jovem

O que vem por aí...

Maio

De 06, Evangelismo com Publicações, ministério das publicações.
De 13 a 20, Semana da Família, ministérios da família.

comunicação integrada

**DIVULGUE!
PARTICIPE!
CONVIDE ALGUÉM!**